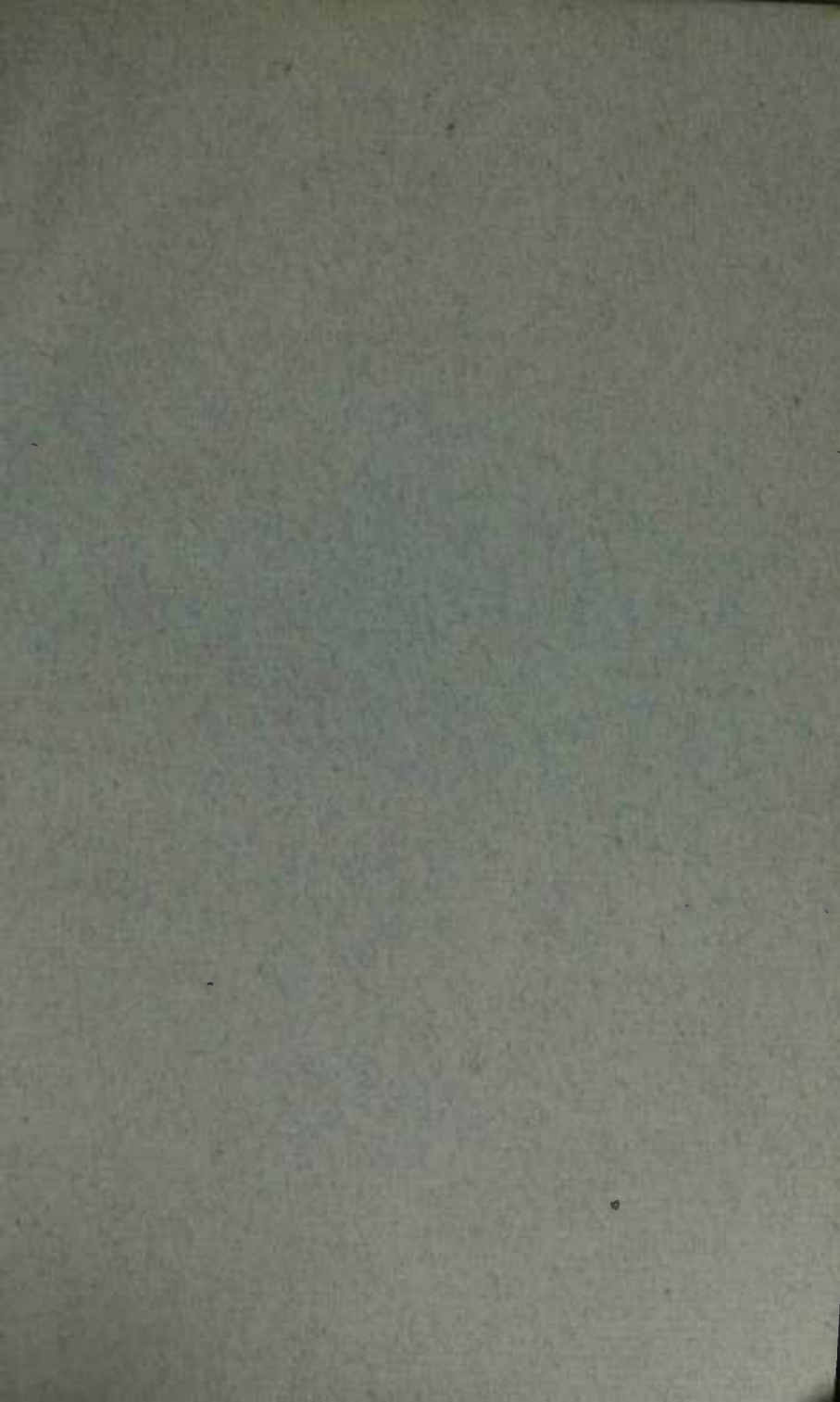


le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





POESIAS

DO

DR. LAURINDO JOSÉ DA SILVA RABELLO

COLLECCIONADAS PELO

BACHAREL EDUARDO DE SA' PEREIRA DE CASTRO

E POR ELLE OFFERECIDAS

A S. M. O IMPERADOR

A. C. A. S.

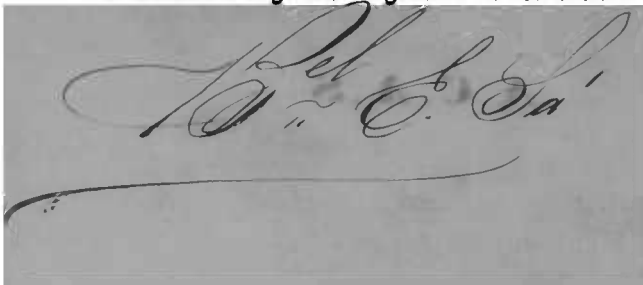


RIO DE JANEIRO

TYP. DE PINHEIRO & COMP., RUA SETE DE SETEMBRO N. 159

1867

**Considerar-se-ha falsificado o exemplar desta obra que
não contiver a seguinte assignatura do seu editor :**



A handwritten signature in black ink on a light background. The signature is highly stylized and cursive, appearing to read 'Pel. S. S.' followed by a flourish. Below the signature is a long, thin horizontal line that tapers at both ends.

Na antiga rua dos Ciganos, hoje da Constituição, em uma casa de pobre apparencia, moravão tres velhas, sobre quem uma vida recatada e virtuosa tinha attrahido uma antonomasia : as tres beatas. Era assim que todo o mundo as conhecia.

Entregue aos cuidados d'essas velhas, foi criada uma menina, que mais tarde foi pedida em casamento pelo capitão Ricardo José da Silva Rabello ; — essa moça era D. Luiza Maria da Conceição.

Casárão-se, e forão morar na rua do Espirito-Santo, onde, fructo d'esse mâtrimonio, nasceu Laurindo José da Silva Rabello a 3 de Julho de 1826.

O primeiro vagido d'essa criança foi a primeira lava de um volcão, em cuja cratera borbulhavão o pensamento e a palavra, conquistando as fontes do saber ; essa existencia era um phenomeno sobre o qual o espirito divino soprâra rajadas tão fortes de um talento inspirado, que, como um metheóro, assombrou a todos que o virão em sua rapida passagem, incendiou o mundo de uma luz que a tudo offuscava, como um lathego vivo castigou-o com satyras mordazes, e legou-lhe um sorriso de desprezo, ultimo fuzil, que desferira da nuvem do desgosto que a vida lhe causára.

Nascêra com elle a poesia, e ainda menino éra o

encanto dos sarãos, onde noites inteiras improvisava motes e satyras com uma fertilidade inesgotavel e uma graça irresistivel.

Éra uma estrella a illuminar uma sala com seus fogos cambiantes ; uma visão que apparecia a contar maravilhas e preciosidades do céu ; uma harpa humana a dedilhar sons que fascinavão os sentidos ; a primavera a derramar flôres e risos pelos jardins do mundo ; a saudade a carpir e verter lagrimas ; um anjo, emfim, a prophetisar os futuros da humanidade.

Estudou as sciencias preparatorias, e em todas as classes foi um gigante, com o qual nem os proprios mestres podião compettir ; e a prova d'esta asserção, que parecerá um tanto arbitraria, está em um exame de phylosophia, em que Laurindo reduzio os examinadores á mera posição de espectadores do seu triumpho, sustentando contra elles proposições absurdas com uma dialectica e vigor sophismático invenciveis.

Éra admiravel ver aquella cabeça de Jupiter a despejar torrentes de pensamentos novos e floridos ; a crear theorias com uma profundeza e sciencia, que abysmavão ; a discutir com os medicos em medicina, em direito com os jurisconsultos, e em theologia com os padres, e sempre invencivel ficar só manejando o raciocinio e a palavra, como o gladeador na arena á espéra de contendor.

Não lia, adivinhava ; todas as sciencias lhe éráo intuitivas, e em poesia era um Bocage pela força da idéa, pela melodia do verso, e pelo repente do improviso.

Quem ha ahi que conhecesse Laurindo, e que não

tenha saudades das horas que passou embevecido a contemplar essa catadupa de palavras convertidas em myriadas de encantos? !... Castro Lopes, Pires Ferrão, invocai os manes de Ferreira Pinto e outros, e descrevei os bellos dias e as bellas noites da casa do bêco do Imperio, em que improvisaveis juntos, e fazieis passar por todas as provas a fecundidade daquelle talento ! !...

Saudoso passado de uma mocidade talentosa, cheia de vida e de esperança! O talento attrahia o talento, as intelligencias se congregavam, e quaes gladiadores nos circulos de Athenas, divertião-se nos jogos de suas faculdades. Laurindo era o athleta indispensavel e fazia parte do quadrumvirato que constituia o directorio d'essa republica das letras. Redigião-se periodicos, sustentavão-se theses sobre philosophia e outras sciencias, e poetisava-se a todos os momentos. O serio, o burlesco, o erotico, o epico, o pindarico, todo genero de poesia, emfim, era exercitado. Fazião mais; nos improvisos concorrião os quatro para a confecção de uma mesma poesia, e por tal fórma se harmonisavão, que parecia obra de um só; como se vê nos improvisos seguintes, que tivemos a felicidade de encontrar nos archivos da memoria:

IMPROVISOS

MOTE

*Sôa o bronze expira o dia
Eu triste fico a gemer,
Eis qual vive o infeliz
Eis aqui pois meu viver.*

GLOSA

Já luzio no firmamento
 Do sol a luz radiante,
 Já seu raio fulgurante
 Deu ao mundo luzimento ;
 Com sublime encantamento
 Já espargio a alegria ;
 Porém oh céo ! Quem diria,
 Que o sol havia expirar ? !
 Lá o vejo descambar,
Sôa o bronze expira o dia.

Vendo pois da natureza
 O quadro todo mudado,
 Comparo-me ao seu estado,
 Me punge mortal tristeza
 Já não vendo essa belleza
 Que o sol faz o mundo ter,
 Vendo a noite já descer
 Com suas côres de morte,
 Lendo n'ella a minha sorte
Eu triste fico a gemer.

Assim entregue ao azar
 Triste victima do fado,
 Vivo sempre contristado,
 E de continuo a penar ;
 De balde busco encontrar
 Da felicidade o matiz,
 Tudo que me cerca diz :
 Vê das trevas no horror
 A imagem triste da dôr ;
Eis qual vive o infeliz.

Ouço a sentença da sorte,
 Mais se magôa meu peito,
 E inda á vida sujeito
 Lamento não ver a mórte ;
 De dôr em vivo transporte,
 Só desejo então morrer ;
 Desejo não mais soffrer,
 Porém como sou captivo,
 Nem posso morrer, nem vivo.
Eis aqui pois meu viver.

MOTE

*Junto de uma sepultura
 A' sombra de seu salgueiro,
 Lamentando a minha sorte
 Chorei o meu captiveiro.*

GLOSA

Como rompe scintilante
 O fuzil ferrenho véo
 De tempestuoso céo
 E o deixa negrejante,
 Nasceu, morreu n'um instante
 A minha doce ventura ;
 Afflicto em tanta amargura
 Buscando então consolar-me,
 Solitario fui sentar-me
Junto de uma sepultura.

Alli, triste meditando
Em minha cruenta sorte,
Parecia estar co'a morte
Horas felizes passando.
Da brisa o sussurro brando,
A corrente do ribeiro,
Das flôres o grato cheiro,
Nada achava então suave ;
Era qual dos mortos ave
A' sombra de seu salgueiro.

Toquei a lage pesada
Penetrado de agonia,
Sentio essa pedra fria
Minha alma triste gelada.
Eis que a voz descompassada
Ouvi do cantor da morte ;
Pareceu-me em um transporte
Seu triste assento escutando,
Que tambem estava chorando
Lamentando a minha sorte.

Então já desesperado
Entregue a pungente dôr,
Conheci todo o rigor
De meu deshumano fado ;
E n'esse penoso estado,
A' sombra d'esse salgueiro,
Que me éra tão lisongeiro
Por exprimir minha sorte,
Em tristes hymnos de morte
Chorei o meu captivoeiro.

MOTE

*Quebrou amor por despeito
As cordas da minha lyra.*

GLOSA

Porque me não vio sujeito
De Marilia aos ternos braços,
De minha ventura os laços
Quebrou amor por despeito.
Com isso não satisfeito
Cego nune, acceso em ira,
Do estro o fogo me tira,
E desde o fatal momento
Rebentárão sem alento
As cordas da minha lyra.

OUTRA

Um cartucho de confeito
Num dia de patuscada,
Nas ventas da minha amada
Quebrou amor por despeito.
Ella vendo o tal sujeito,
Com uma pedra lhe atira ;
Mas amor p'ra que o não fira
Faz o corpo desviar,
E a pedra foi quebrar
As cordas da minha lyra.

MOTE

*Ou são quatro as graças bellas
Ou tu és uma das tres.*

GLOSA

Ou no beco das Cancellas
Ha uma graça fugida
Por vir do empirio corrida,
Ou são quatro as graças bellas.
Uma moça igual a ellas
Lá encontrei uma vez
Em certa noite de Reis,
E lhe disse por chalaça :
Ou ha de mais uma graça,
Ou tu és uma das tres.

MOTE

*Um só momento de amor
Faz feliz um desgraçado.*

GLOSA

Ao meu cruel dissabor
Vou morrer; vem dar-me Armia
Como tocha da agonia,
Um só momento de amor
Dá-me, dá-me por favor
Um suspiro, um ai maguado ;
Que um ai de amor temperado
Em duro e cruel transporte,
Até nas ancias da morte
Faz feliz um desgraçado.

MOTE

*Pagode sem bebedeira
Não é cousa de rapazes.*

GLOSA

O meu bem em certa feira
Em que comigo se achava,
Disse que não adoptava
Pagode sem bebedeira.
Reprehendendo-a da asneira
Lhe disse : Marcia o que fazes ?
Ella então fazendo as pazes
Respondeu-me com carinho :
Gêntes, pagode sem vinho
Não é cousa de rapazes.

N'esses bellos tempos compoz Laurindo o poema **Alberto**, cujo manuscripto disse-nos elle ter emprestado a um Fortunato de tal, que era empregado na typographia do *Jornal do Commercio*. Não apparece semelhante manuscripto, apezar dos annuncios e deligencias que fizemos. E' pena, porque é uma glória patria perdida, ou subtrahida por alguma gralha que pretenda empavonar-se com a plumagem alheia.

Como não podemos dar a lume esse documento brilhante de um talento portentoso, daremos ao menos uma noticia d'essa obra, que é um verdadeiro thesouro de pensamentos fecundos, coloridos vivazes, animação, encanto e melodia :

Alberto é um padre libertino, que para possuir uma moça por quem arde em paixão lebidinosa, frustra os seus licitos amores; em consequencia do que ella se suicida. É tão brutal o amor de Alberto, que mesmo na mulher morta intenta saciar a sede de sua criminosa volupia, e para isso vai de noite ao feretro, que se acha depositado na igreja; e antes que chegue a realisar tão horrendo crime, tropeça, e cái na cova em que ia ser a moça sepultada; na queda apaga-se o archote que illuminava o sinistro e medonho quadro sacrilego, e segue-se uma scena de horror, de arrependimento e de morte.

Ha n'este poema lindos e brilhantes episodios, e entre elles a descripção de uma tempestade, terminando por uma chuva torrencial, onde se lêem os seguintes versos anamatopicos:

« E para mais horror de horror tão grande
« Raivosa a terra repellia as aguas.»

Este episodio é tão vivo, que sendo lido no gymnasio, fez exclamar a uma de nossas notabilidades litterarias: Está chovendo meus senhores? Era uma noite de excellente luar.

Muitas outras obras escreveu Laurindo: um drama denominado — *Os Anneis de uma Cadêia* — outro intitulado — *O Mendigo da Serra* — e muitas outras composições de diversos generos, que elle em jorros produzia d'esse caudaloso talento repentista, mas a que elle não ligava a menor importancia, e por isso se perdêrão.

E o nosso Democrito escarneckia o mundo, e cantava ao violão.

Mas foi-lhe a vida o sorrir da aurora de um dia

tempestuoso! A desgraça invadindo-lhe o lar domestico arrebatou-lhe a familia e os meios de subsistencia. Sua irmã Maria, de um talento igual e que tambem era poetisa, compoz bellissimos versos e uma brilhante memoria sobre a independência das mulheres e os prejuizos da sociedade; trabalhos estes ineditos, e que forão subtrahidos por alguém a quem Laurindo os confiou. A sua ultima poesia foi a — saudade — dedicada a um primo official que morreu em campanha, e com quem estava para casar.

Nos registros consumidos pelas traças do tempo ainda a memoria pôde conservar uns versos d'essa bella producção, e que prestão o serviço de dar idéa do genio e do sentimento da authora; eil-os :

E n'essa embarcação onde te ausentas,
Do convés vendo a terra ou mesmo as aguas,
Se o pensamento te disser que existo,
Pesa um pouco o rigor das minhas maguas.

Que versos repassados de dôr!... Pobre moça!...
A saudade matou-a; morreu louca!
Seu pai e seu irmão morrerão assassinados.

E sua mãe? Éra o unico ente que com elle se tinha salvado d'essa devastação da morte; éra a unica consolação do infeliz que se via só no mundo sem protecção e sem familia; era, emfim, o unico incentivo á vida.

Viver? Porém como? A carreira que mais facil se lhe abrio, e com que mais sympathisou sua alma isolada pela afflicção, foi o sacerdocio; matriculou-se portanto no seminario de S. José.

Teve Laurindo ordens menores em uma época

em que todos os menoristas, até mesmo os estúpidos e apedeutas, tinham licença para subir ao pulpito; em consequencia do que conseguiu também Laurindo permissão para prégar na festa de S. Pedro.

Commetteu porém a indiscrição de apresentar diversos improvisos arrebatadores sobre o mesmo assumpto, a noticia espalhou-se, o povo agitou-se para ouvir o novo prégador, e os pygmeus da tribuna comprehendêrão desde logo que ião ser esmagados por um menorista que se ia elevar a uma altura a que elles não poderião nunca attingir, correrão ao bispo, e a licença foi cassada. Era preciso prender a aguia para que não mostrasse espaços que não podião ser devassados pelas aves de rasteiros vôos.

Este procedimento injusto matou as aspirações clericæes de Laurindo, e acabou por indignal-o. Não quiz mais ser padre.

Vou ser soldado, disse elle, e, se for preciso, pôr-me-hei em guerra com toda a humanidade.

Com effeito matriculou-se na antiga escola militar, e ahí acercado do desenvolvimento proprio da indole soldadesca, achou Laurindo espaço para dar livre expansão ao seu genio epigrammatico.

Todos achavão graça e desafiavão-lhe as satyras, que éráo de um espirito maravilhoso; até que a fatalidade quiz que um dos satyrisados fosse o filho do director, que tomou o negocio tão ao sério, que não só trancou a matricula de Laurindo, como também conseguiu do ministro mandal-o recrutar; em desforra do que foi também o ministro satyrisado, e jámais logrou assentar-lhe praça, porque os ami-

gos de Laurindo revoltados com essa perseguição, promoverão uma subscrição, e matricularão-no na escola de medicina.

Ahi estudou dous annos, e depois a miseria o impossibilitou de continuar.

Não commemoraremos os factos d'essa época de maior penuria, em que Laurindo chegou a não sahir de casa por não ter sapatos, e a ceder a paternidade de suas obras para ter quem lhe matasse a fome, porque não queremos dilacerar mais o coração da patria, já por tantas causas molestado; mas consignaremos um para que a historia o registre:

N'essa época de andrajos e de toda sorte de privações, houve quem se quizesse prevalecer da miseria, e tentasse Laurindo, offerecendo-lhe grandes vantagens para escrever contra seus correligionarios politicos; e o mendigo regeitou a esmôla, e o homem repellio a infamia, que insultava a sua dignidade.

Estes assaltos da corrupção, que gritão ao homem honesto — rende-te ou morres —, e a indiferença com seus gelos tumulares começávão a matar o genio, quando a protecção do conselheiro Dr. Souto, lente da faculdade da Bahia, o arrebatava ás plagas do Janeiro, onde só médra o charlatanismo e a especulação estrangeira, e o leva para a terra do patriotismo e do enthusiasmo pela gloria e pelo merito real.

Que mudança! Aqui, excepto um ou outro amigo sincero, porém pobre e que por isso de pouco lhe podia servir, não lhe davão importancia, e Laurindo viveu desprezado ao ponto de quasi

morrer de febre amarella sem um medico á cabeceira ; lá, era o conviva de todos os banquetes, onde as intelligencias festejavão o passaro rei, que vinha ensinar-lhes a voar mais alto ; e quando doente, os seus enfermeiros forão o conselheiro Souto e os outros lentes da academia.

Mãi ingrata, dizia chorando muitas vezes Laurindo, alludindo ao Rio de Janeiro, se as outras provincias assim forem, a Bahia é o unico Brazil !

E formou-se em medicina, e deveu essa formatura aos Bahianos, de quem fallava com enthusias-tico amor, e guardou até os ultimos momentos as mais gratas recordações ; porém era tão amante da terra onde nascêra, que apesar de ter-lhe sido madrastra, ambicionava legar-lhe todas as suas glorias, e quiz receber o gráu de doutor na academia do Rio de Janeiro, onde sustentou these esplendidamente applaudido por todos os lentes e estudantes.

Pobre Laurindo, a fatalidade éra um phantasma, que o vinha surprender mesmo no meio das galas e dos risos, e fazel-o empallidecer diante da fatidica idéa de uma sorte adversa !...

Éra medico, mas não tinha clinica, nem podia adquiril-a, porque aquelles modos destrahidos, aquelle olhar desvairado do scismador profundo, aquelle gesticular de quem falla a sós, e revellava um espirito excessivamente activo, afugentavão a confiança dos doentes, que por um singular instincto só crêm no empavezamento da impostura ; além d'isso certos medicos sycophantas prevalecião-se d'esses preconceitos para ás occultas embutir outros ; como por exemplo : que Laurindo não podia saber medicina, porque era poeta ; ao que

elle respondia com aquella graça satyrica que lhe éra peculiar :

« Se não é dado o ser medico aos poetas,
« Muito menos aos estultos e patetas.»

Embora convencido de que é uma perfeita occiosidade um pobre desvalido da sorte, por maior que seja o seu merecimento e justiça que lhe assista, sendo brasileiro procurar no Brazil a protecção de um governante, todavia para desencargo de consciencia e conforto de esperanza, dirigio-se ao ministro da guerra a pedir-lhe que o fizesse cirurgião militar.

Felizmente o ministro éra o conselheiro Jeronymo Francisco Coelho, um dos primeiros talentos e illustrações do paiz, e que por isso talvez sympathisou com aquella intelligência, que era uma das glorias da patria, comprehendeu que, sendo aproveitada, poderia prestar-lhe valiosissimos serviços, e fez do decreto de 23 de Setembro de 1857 - uma carta de resgate do escravo da miseria.

Estava pois Laurindo 2º cirurgião-tenente do corpo de saude do exercito, e n'essa qualidade seguiu a 5 de Dezembro do referido anno para a provincia do Rio Grande do Sul, a fim de servir no corpo de exercito em observação mandado organizar por decreto de 3 de Outubro do mesmo anno.

Voltou a servir na guarnição da côrte a 29 de Março de 1858, e a 2 de Janeiro de 1860 casou-se com D. Adelaide Luiza Cordeiro.

A 5 de Abril de 1860 foi de novo servir no Rio-Grande do Sul, onde sempre dedicado e honesto mereceu os elogios e estima de seus superiores, e

quer no campo, quer na cidade, aquella intelligencia resplandeceu, ora divertindo com suas satyras e versos chistosos ; ora ensinando francez na escola militar, em que terminava as lições debaixo dos vivas e applausos dos alumnos ; ora, emfim, na tribuna do advogado defendendo réos, e fazendo da palavra uma espada de fogo com que fulminava as accusações da justiça.

Grangeou muitos amigos, e entre elles o general Caldwell, que se mostrou sinceramente sentido com a vinda de Laurindo para a côrte, para onde regressou a 6 de Abril de 1863.

Por decreto de 10 de Junho do mesmo anno foi nomeado professor de grammatica portugueza, historia e geographia, na escola preparatoria annexa á militar, e ahi fez prodigios de eloquencia a discutir pontos controversos da historia ; e não ha alumno nenhum d'esse tempo que não guarde em sua memoria a defeza-por elle produzida da traição de Calabar, em que fez chorar de enthusiasmo, e vibrou com soberba mestria as fibras todas do amor patriotico a todo o auditorio, que em soluços o applaudia ; e uma vez, fazendo-lhe Sua Magestade o Imperador a honra de vizitar a aula de grammatica, captivou a attenção do Soberano por espaço de duas horas, fallando sobre o adjectivo.

N'esta época Laurindo era outro, não nos sentimentos nobres e religiosos de que foi sempre dotado, e que poucos soubêrão devidamente apreciar ; não no talento que foi-lhe sempre ardente e feliz ; mas no ar sombrio, que como um véo de crepe lhe vestia o rosto, deixando só transparecer d'esse sorrir alegre e mofador uns laivos, que fur-

tivos espreitavão por entre as dobras sardonicas da dôr e da descrença.

Entretanto bem desafiado ainda aquelle espirito naturalmente gracejador surgia á tona d'esse mar d'angustias em que vivia submerso. Quando Laurindo foi nomeado professor para a escôla militar, foi tambem ahi empregado como medico dos alumnos; e então um amigo, antigo companheiro dos tiroteios do beco do Imperio, e que é actualmente escrivão, fez-lhe o seguinte epigramma :

Morro ! Diz uma doente,
Vi hoje a morte ferina
Fitando-me os olhos seus !
Responde-lhe a mãi, meu Deus !
Éra o medico, menina !

A que Laurindo respondeu promptamente :

Cada um de nós no mundo
Fazemos nossa figura ;
Tu entisicas as partes,
Eu me encarrego da cura.

Depois voltava ao seu exilio de dôr, afastando-se e fugindo de todos os bolicios do mundo, fazendo da familia a sua unica consolação, e do estudo um dever, a que religiosamente se sujeitára. Concentrava todas as suas forças para bem desempenhar os empregos que exercia, e n'esse desempenho era sublime.

Mas não tinha a escôla de ouvir por muito tempo aquella voz retumbante e sonóra, em que cada nota éra um hymno, e cada hymno uma epopéa ; não tinha a sciencia de archivar nos seus fastos gloriosos alguma descoberta d'essa cabeça inven-

tora ; não tinha a patria de ajuntar ás suas glorias as que resultariam das creações d'esse genio, que lhe poderia ser tão util, e que na vida do abandono os desgostos, as privações e a miseria, por tal forma lhe havião apunhalado o coração, que as feridas ainda sangravão, e elle sentia a morte avizinhar-se : chegou mesmo a calcular a duração do resto da sua existencia, e se errou foi em segundos.

Pobre Laurindo, soffreu muito, e fazia dó vel-o soffrer ! Lembrava-se da miseria em que ia deixar sua esposa, e com avidéz escrevia um compendio de grammatica portugueza, que concluiu, e dedicou á escola militar, e um livro para instrucção do soldado, onde mal pôde traçar alguns capitulos ; esse trabalho aturado produzia-lhe exacerbações em que o triste quasi agonisava. Muitas vezes nos disse elle pungido da mais acerba afflicção : «tenho medo de morrer sem deixar a minha mulher estas obras, que ella possa trocar por um pedaço de pão.»

Mas é chegado o momento da suprema angustia.... eis a morte.... elle a presente.... um padre.... depressa o sacramento..... e depois..... a serenidade que deixa no espirito o conforto religioso, a melhora que resulta aos males physicos d'essa serenidade moral, e eis o cysne a desprender o seu canto da agonia; e como o sol em seu occaso mandando á terra em despedida os ultimos raios de sua luz vivificante, durante uma hora percorreu sobre a bemaventurança, e terminou asseverando que se ainda apresentava aquella hypotyposis, é porque ja tinha o ouvido na eternidade.

Mulher, disse elle, não chores, resigna-te, porque preciso da tua coragem para me ajudares

n'esta hora extrema ; a morte é uma separação como outra qualquer ; todos nós temos de fazer esta viagem, e nos tornaremos a ver na eternidade ; a diferença é que eu vou primeiro para allumiarte o caminho...

E abraçado com a imagem do Senhor Crucificado, invocando a Mãe Santissima das Dores, e pronunciando uma oração eloquentissima, aquecida do fogo da fé e unvida da mais santa contricção, saccudio de uma vez essa mortalha de carne de que quasi que vivia desquitado, e triumphante do erro e do viciõ, coroado dos louros da victoria e dos espinhos do martyrio, voou sua alma ao seio do Creador. (*)

E o pobre plebeu na vida foi um principe na morte.

Um grande prestito, rico enterramento, descargas, musica funebre, lagrimas amigas, forão as honras da sua realeza ; e a poesia soluçando de dor e de saudade, debruçada sobre o seu sepulchro, como bôa irmã pagou-lhe este tributo de amor paternal :

SONETO

DE PIRES FERRÃO

Genio, acorda ! Propicio é o momento
 Da voz ergueres fraca e denodada !
 Ah ! não durmas, desperta ! A patria amada
 Tem precisão de ti, do teu talento !

(*) Morreu no dia 28 de Setembro de 1864, á 1 hora da tarde, e no dia 29 enterrou-se no cemiterio de S. João Baptista.

Porém como, se frio e sem alento
 Jaz teu peito, se a boca está cerrada? !
 Ai ! Já vida não tens, a morte ousada
 Alfim te desfechou golpe cruento !

Philosopho, christão, da vida as fezes
 Tragaste na penuria e enfermidade,
 Sobranceiro zombando dos revezes.

Poeta ! Do teu estro a immensidade
 Elevou-te em seus vôos tantas vezes,
 Que um d'elles te lançou na eternidade.

POESIA

DE ANTONIO HERCULANO DA COSTA BRITO

Quem a morte encontrou no lar da vida,
 Deve a vida encontrar no lar da morte.
 (Poesia do illustre finado).

I

Té dos Andes aos pincaros se libra
 Alteroso Condor— do espaço rei,—
 A aguia altiva n'amplidão dos ares,
 O céu roçando com as ligeiras azas,
 Só beija o solo quando hervada setta
 A fere em meio ao vôo sublimado ;
 Como elles tambem ao céu te alaste,
 E a morte, a morte só te fez baixar.
 Genio, quedaste pelo chão da morte
 Em hora negra para os que te amavam,
 E que absortos contemplavam mudos

Os assomos brilhantes dessa mente
 Que ia tão longe— ao céo pedir por certo
 Essas inspirações— primores d'arte,
 Flammas luzentes de um fânal immenso.

II

Eras poeta ! A natura
 Dons de subido valor
 Comtigo espalhou profusa ;
 Erguido do genio a altura
 Foras da patria cantor,
 Do Brazil foras a musa.

Sim ! foras deste Brazil
 Qual foi p'ara Lysia Camões,
 O vulto de maior gloria,
 Se o fado que foi-te hostile,
 Desse-te em vez de afflições,
 Vida menos transitoria.

Quem houve que ouvisse as fallas,
 Repletas de pensamento
 De tão soberbo orador,
 Que não se lembre das galas
 Desses rasgos de momento
 Do enthusiasmo ao calor ?

Os arcanos da poesia
 Os mais intimos, fecundos
 Devassava o teu olhar ;
 Graças, primor e magia
 De seus segredos profundos,
 Só tu sabias achar.

Podéras deixar teu nome
 Cercado da luz da gloria
 Nas estrophes da Epopéa ;
 De Homero o divo renome
 Dar-te-ha brazilia historia,
 Embora falte a Odysséa.

Desse epico momento
 Flôr de luz, do céu brilhante
 De tua imaginação,
 Perduravel documento,
 E' o improviso pujante
 Do poema, Alberto, n'acção.

Dessa pleiade valente
 Que olhos fitos no porvir
 Inda nas letras tem fé,
 Foi lidador, e ardente ;
 E a patria que o vê cahir,
 Ha de o busto erguer-lhe em pé.

Se hoje a patria emudecer
 Ante a gloria deste filho,
 Que tratou como bastardo,
 Cumpre aos vindouros erguer,
 (De Lysia seguindo o trilho,)
 Monumento embora tardo.

Viveu, morreu como Genio,
 A sorte sempre contraria
 Deu-lhe os transés da pobreza ;
 Que nas taboas do proscenio
 Desta existencia precaria
 Pouco espirito é riqueza.

No triste valle do pranto,
 Noite de dôr, seu fadario,
 Foi levar pesada cruz !
 Soffreu muito ! soffreu tanto !
 Mas inda no seu Calvario
 A crença o enche de luz.

Justo, sabio e virtuoso
 Sabe elle a morte encarar
 Sem horror, e com firmeza ;
 No momento doloroso
 Ao seu Deus, sem trepidar,
 Deu sua alma em fê accesa !

III

Sou brasileiro ; choro a tua perda,
 Porque em ti o Brazil perdeu dos filhos
 Talvez o mais distincto ; era-te amigo,
 Choro tambem o coração que frio
 Agora não palpita estremecido
 Aos mais nobres affectos como outr'ora ;
 Coração que se abria ás expansões
 Sinceras e leaes dos que te amavão,
 Thesouro de sentir, erario santo,
 Onde guardavas a moeda pura
 Da franqueza vasada pelos moldes
 De uma alma generosa e magnanima.
 Eu choro a tua morte, e a linguagem
 Que escolhi p'ara dizer-te o ultimo adeos,
 Foi a que cultivaste e ennobreceste
 E me ensinaste um dia quando ainda

Balbuciando os meus primeiros cantos
 Me animaste, e applaudiste a mim tão pobre
 D'esses effluvios inspirados, tantos
 Que em ti sobravão p'ra saudar os outros.
 Ai! mestre, adeos! de mim nunca esquecido
 Serás na vida que arrastando vou ;
 E como emblema da saudade infinda,
 Que nossa alma a pungir acerba fica,
 Venho depor na humilde sepultura
 De ti, oh meu Laurindo, esta corôa
 Pelas mãos da amizade entretecida
 De funereos cyprestes e saudades.
 Se do sol ao calor do chão brotárão,
 Se ao orvalho do céu criárão viço,
 Ao calor das lembranças que tu deixas,
 Ao orvalho dos prantos que te damos,
 Hão de o viço e o frescor guardar p'ara ti.
 Meu Deus! Dai-lhe o descanso após a luta
 Que travou com o infortunio cá na terra ;
 Dai-lhe a gloria que bêm a mereceu,
 Pois das glorias terrenas os trophéos
 Immorredouros, mil esparsos ficam,
 Quaes fulgentes scintillas, igneo rastro
 Do meteoro de luz que se atufou
 Pelos negros dominios do sepulchro,
 Onde o sol e a luz é sempre trevas,
 Silencio, solidão, horror e noite !

IV

Cessai, meus olhos, esse pranto amargo,
 Cessa, meu peito, teus doridos ais ;
 Missionarios de Deos na terra os genios
 Soffrem : é lei que rege os seus iguaes.

Farões de luz na estrada d'esta vida,
 Guiam a estulta e louca humanidade !
 Lança sobre elles o desdem o mundo,
 E esforços paga n'um sorrir— maldade !

Loucos sublimes, os apupa o vulgo,
 Tudo lhe negão, até mesmo a gloria.
 Até que um dia, a nova geração
 Lhes vinga o nome,—com immortal memoria.

Nobres e ricos, que valeis ante elles ?
 Rasteiros vermes ante a aguia altiva !
 Brazões, thesouros, tudo desaparece,
 Mas do genio a lembrança é sempre viva.

Tu que eras genio, como morrer pôdes ?
 De Homero e de Camões morreu a fama ?
 Como a delles tambem vencendo os seculos
 A tua viverá da gloria á chamma.

Adeos, não mais pranteio-te, Laurindo,
 Que póde agora contra ti a sorte ?
 A morte achaste pelo lar da vida,
 A vida encontrarás no lar da morte.

29 de Setembro de 1864.

EDUARDO DE SA'

O QUE SÃO MEUS VERSOS

Si é vate quem acesa a fantasia
Tem de divina luz na chamma eterna;
Si é vate quem do mundo o movimento
C'o movimento das canções governa;

Si é vate quem tem n'alma sempre abertas
Doces, limpidas fontes de ternura,
Veladas por amor, onde se miram
As faces de querida formosura;

Si é vate quem dos povos, quando falla,
As paixões vivifica, excita o pasmo,
E da gloria recebe sobre a arena
As palmas, que lhe off'rece o enthusiasmo ;

Eu triste, cujo fraco pensamento
Do desgosto gelou fatal quebranto;
Que, de tanto gemer desfallecido,
Nem sequer movo os échos com meu canto ;

Eu triste, que só tenho abertas n'alma
Envenenadas fontes d'agonia,
Malditas por amor, a quem nem sombra
De amiga formosura o céu confia ;

Eu triste, que, dos homens desprezado,
Só entregue a meu mal, quasi em delirio,
Actor no palco estreito da desgraça,
Só espero a corôa do martyrio ;

Vate não sou, mortaes ; bem o conheço ;
Meus versos, pela dôr só inspirados,—
Nem são versos—menti—são ais sentidos,
A's vezes, sem querer, d'alma exhalados ;

São fel, que o coração verte em golfadas
Por continuas angustias comprimido ;
São pedaços das nuvens, que m'encobrem
Do horizonte da vida o sol querido ;

São anneis da cadêa, qu'arrojou-me
Aos pulsos a desgraça, impia, sanhuda ;
São gotas do veneno corrosivo,
Que em pranto pelos olhos me transuda.

Secca de fé, minha alma os lança ao mundo,
Do caminho que levam descuidada,
Qual, ludibrio do vento, as seccas folhas
Solta a esme no ar planta mirrada.

O MEU SEGREDO

I.

O lume de sinistro fogo estranho
Que em meu olhar se accende ;
A nuvem que de magoas carregada
No rosto se me estende ;

Esta agonia acerba que repassa
Os sons da minha lyra ;
Este sceptico altivo horror ao mundo
Que em tudo meu respira ;

Estas rugas, que trago sobre as faces,
Os modos distrahidos,
A constante desordem do semblante,
Dos gestos, dos vestidos ;

Revela tudo um segredo,
Que o mundo não sabe ler ;
Segredo, que só com pranto
É que se póde escrever ;

Segredo, que em meu futuro
Negro anathema cuspiu ;
Segredo, que seduziu-me ;
Segredo que me trahiu.

Lettras escriptas com pranto
Sei que apagadas serão !
Sei que um segredo de magoas
Nunca merece attenção !

Mas não importa ; hoje quero
O meu segredo escrever ;
Que guardado por mais tempo
Talvez me faça morrer.

II.

Mandado do inferno
Por impio destino,
Um genio mali'no
No berço me viu—
E após um instante
Haver-me encarado
Com gesto irritado,
O Genio — o meu fado
Traçando — sorriu.

Sorriu-se.... e mudados
No mesmo momento
Que o Genio crônto,

Cruento me viu,
Em negra tristeza,
Meus gostos findaram ;
Meus labios murcharam ;
Meus ais começaram ;
Meu pranto cahiu.

No peito jinda verde
Seccou-se a ventura
Daquella fé pura
Que a infancia nos dá ;
No espelho onde via
Em extasi santo
Os risos, o encanto,
De um mundo, que ha tanto
Não sei onde está.

Em dita tão pura
Minh'alma exultava,
E quando alcançava
Sabia explicar ;
Que, além de dar crença
A tudo que ouvia,
Por certa magia,
As cousas que via,
Sentia fallar.

Si ás vezes tentava
Brincar com as flôres,
Revendo os labores
De um vasto jardim,
A briza me dava,

No transitio leve,
Um cantico breve,
Esripto na neve
De um casto jasmim.

Fugaz borboleta
Nas azas de ouro
Immenso thesouro
Deixava-me ver ;
E, qual um avaro,
Sedento, inquieto,
Com ardido affecto
Atrás do insecto
Me punha a correr.

Qual boca de nympha
A pouco desperta,
Si rosa entre-aberta
Prendia louçã,
Segredos da infancia
A flôr me contava,
Q'eu só escutava,
E, rindo, exclamava :—
Tu és minha irmã !....

A' vista do oceano,
Immenso, ruidoso,
Que quadro assombroso
Fez meu ideal !...
Em extasi longo
Vi nelle espantado,
Rugindo deitado,

Um monstro azulado
D'enorme crystal.

Em crua e constante,
Horrisona guerra,
In'migo da terra,
Pintou-se-me o mar—
Que fero co'as ondas
Na praia batia,
E afflicto bramia,
Porque não podia
A praia arredar.

Na concha celeste
Si os olhos fitava,
Lá novos achava
Encantos tambem ;
Nos astros eu via
De anjinhos um bando,
Que, o corpo occultando,
Me estavam olhando
De um mundo de além.

Eu via na lua
A casa encantada,
De luz prateada
Fugindo no ar ;
Asylo sómente
Da fada querida,
Que vinha escondida
A gente nascida
De noite embálar.

O sol eu amava
Da tarde na hora ;
Amava-o d'aurora
No fresco arrebol.
É quando a taes horas
No mar se escondia,
P'ra elle me ria,
Julgando que via
Adeuses do sol.

III.

Mas esse tempo de encantos,
Que nunca julguei ter fim,
Não é hoje para mim
Mais que morta e secca flôr !...
Do Genio máo completou-se
A primeira prophecia :
Era o que o Genio dizia
No seu riso mofador.

A natureza calou-se
Desde que o Genio me viu ;
Minha alma inteira sentiu
Repentina mutação,
Dei por mim em terra estranha ;
Tive novos pensamentos ;
Tive novos sentimentos ;
Creei novo coração.

Visão do Céu... não — da terra ;
Não podia ser do Céu ;

Que Deus no dominio seo
Falsos archanjos não quer ;
Visão, que da natureza
Toda a graça revestia,
Por desdita vi um dia
N'um semblante de mulher.

Tinha a visão tal encanto,
Que, ao vê-la, absorto fiquei ;
Tanto, que não escutei
O profundo soluçar
Da innocencia, que, sentindo
Da paixão a ardente calma,
Abraçada com minh'alma
Se despedia a chorar.

Vida de louco passei ;
Mas achei nessa loucura
Tanto bem— tanta ventura,
Quaes nunca a razão me deu ;
Que, si a razão da verdade
Tem os claros resplandores,—
Amor o reino das flôres
Tem todo inteiro por seu.

E a esta senda estrepada,
Que á morte os seres conduz,
O que lhe importa uma luz,
Si a não tapisa uma flôr ?
E si amor, além de flôres,
Tambem possui um clarão,
Antes amor sem razão,
Do que razão sem amor.

Mas foi-se o tempo de risos
Da minha feliz loucura !...
Libei o fel da amargura
No mel de um beijo traidor !...
Do Genio máo completou-se
A segunda prophecia :
Era o que o Génio dizia
No seu riso mofador.

Dessa profunda chaga resta ainda
Dorida cicatriz : a mão do tempo
Talvez cure-a por fim ; mas não tão cedo,
Que inda verte de si putrido sangue,
Si a magoam crueis reminiscencias
De quadra tão feliz.

IV.

Outro fantasma, a gloria,
Da passada visão invade o posto.

Pelos mares risonhos da esperança
Ao batel do desejo abrindo as velas
Minh'alma foi busca-lo.
De pintor bem fallaz condão tem elle
Muito para temer ; do enthusiasmo
Nas lavas do volcão accende o facho,
Que os desenhos lhe aclara : esposa amante,
Dá-lhe, a imaginação, seus cofres todos,
Donde tira as estampas que copia
Nas telas do futuro. De seus quadros

Na belleza enlevada a viajante
Navega sem sentir.

Eis ponto negro
No azulado horizonte surge, e estende
Azas de tempestade ! A's vistas magas
Reposteiro de ferro mão ignota
Rápido corre, e presto em lastro immenso
De aguçados cachopos se convertem
As aniladas ondas. Rola o lenho
Por sobre o pedregal, e mastro e leme,
Enrolados na vela espedaçada,
O sopro de um tufão some nos ares !
Rompendo a cerração espectro em osso
De repente apparece, sacudindo
Na dextra uma mortalha : envolto nella
Desceu meu pai á campa !...

Musa, basta....

Pare-se um pouco aqui ; nas tuas azas,
Que não neste papel, corra meu pranto....
Apara-o, anjo meu ; depois os mares
Transpõe.... o lar dos mortos não te assusta—
Não é assim ? Pois bem, irmã querida,
Na terra— nossa mãe— suspende os vôos ;
Busca a sombria região dos tumulos,
E lá, depois de um beijo dar na campa
De nosso amado pai, depõe sobre ella
Este pranto que verto.

Emfim bonança
Impia resplandeceu sobre os destroços

Que fez o vëndaval. Unico vivo,
Em pé sobre um rochedo, contemplei-os
E ri-me.... e neste riso agonisou-me
A ultima esperança.... foi a synthese
De minha vida inteira ;— estreita fresta
Por onde, desmaiada e quasi morta,
 Minh'alma um raio morno
De prazer sepulcral mandava ao mundo.

E o Genio, que viu meu berço,
D'entre os cachopos surgiu,
E olhando os estragos riu,
Contente de minha dôr.

Do Genio estava completa
Toda inteira a prophacia:
Era o que o Genio dizia
No seu riso mofador.

V.

E desde então existo, mas não vivo ;
 Só tenho sentimento
Nesse élo fatal por onde a vida
 Se prende ao soffrimento.

Vi na infancia relampago afogado
 Em negra escuridão ;
De amor nas breves ditas vil mentira,
 Na gloria uma illusão.

Eis porque, dos prazeres desquitado,
O rosto em pranto inundo ;
Tudo odeio, e pareço desposado
Com seres d'outro mundo.

E na verdade o estou : pena minh'alma
Nas sombras da amargura....
Homens ! fugi de mim ; não vos pertença—
Sou outra creatura.

O GENIO E A MORTE

I.

Sobre as azas de fogo
Da aguia ardente que no espaço vôa,
Saudado pelo cantico das aves,
De flôres perfumado,
Entre nuvens de purpura— risonho
Nos céos assoma o dia.
O exercito dos astros afugentam
Seus coruscantes raios ;
E passêa garboso pelo espaço,
Como triumphador pela campina,
Donde expulsára as hostes inimigas.
Lá no meio da arena do triumpho,
Como um olho de Deos devassa o mundo :
As plantas que a manhã de vida enchêra,
Com seu intenso ardor, barbaro cresta —
Qual joven indiscreto, em loucos dias
De volcanica idade,
No coração desecca, mata, extingue
Sentimentos que a infancia alimentára....

Da gloria ao grão supremo
Subiste, ó rei; humilha-te— vassallo
Tambem és do Senhor — descer te cumpre.
Eil-o que abdicou— Já vai tardio
Pela estrada do occaso, e já tristonha
Lhe escorre pelo rosto a luz enferma!
Sobre leito de chumbo se reclinava, —
E, no momento extremo,
Seus olhos chammejantes
Extremo olhar saudoso á terra volvem.
Ultimo arranco !... Cai desfallecido
Nos braços do crepusculo.
Morreu o dia ;— e a noite piedosa
Em seu manto de dó lhe envolve o tumulo.

II.

Que é feito, ó Primavera,
Das frescas odoríferas grinaldas
Que a fronte te adornavam ?
Murchas caíram ; jazem esmagadas
Aos pés de gelo do caduco inverno !
Os pomos sazoados,
Que pendiam das arvores frondosas,
Orgulho e pompa dos alegres prados,
Eil-os dispersos pelo chão molhado
Do pranto que em tristeza o céu derrama,
Ao vêr-lhe a fronte merencoria e pallida,
Debruçada do cume das montanhas,
Com lagimas saudar do sol os raios,
Qual misero vivente, a quem torturam

As galas da alegria.

Beijada pelos zephyros— c'roada
De viçosas capellas,— pelos bosques,
Jardins, e prados, e alcantis dos montes;
Eu a vi passeiar ;— vi toda a terra
De flôres se cobrir, trajar verduras,
Ao toque de seus passos ;
Vi.... mas mudou-se da estação ridente .
O quadro encantador ;— e já bramidos
Dos desatados temporaes proclamam—
Que é morta a Primavera.

III.

Morrem as estações, morrem os tempos !
Morrem os dias, como as noites morrem :
Tambem acaba o homem—
E o Anjo do exterminio, desdenhoso,
Encara estultas pompas, que distinguem
O servo do senhor, o rei dos povos ;
E fazendo correr-lhes pelas fronte
A rasoura da morte, traça o nivel,
Que cabe aos homens todos.
Tudo no mundo expira :
Só sobranceiro á lousa o Genio altivo
Nos vãos acompanha a eternidade !
Soberbo em seu poder persegue a morte,
E consegue vencê-la,
Mil victimas,lhe arranca,
E da immortalidade nos altares
As mostra coroadas.

Em vão do manto esqualido
A barbara sacode o voraz vermê
No cadaver do sabio ;
Em vão as frias cinzas lhe arremessa
Nos abysmos do olvido ;
Lá desce o Genio intrepido,
E, ao lume da lanterna da memoria,
Ajunta as cinzas, sopra o fogo santo
Da santa poesia,
O sabio resuscita e pasma o mundo !

IV.

Belleza, doce engano,
Mimo, que o tempo deu, que o tempo acaba ;
Encantadora nuvem, mas ephemera,
Que da côr do pudor n'os céos vagueia,
Qual suspiro de amor que aos céos se eleva ;
Beijada pelo sol, timida aurora,
Tambem fenecerás !... Trevas do tumulto
Aos lumes da existencia
Succederão funereas ;
Serão consocios teus mudo silencio,
Sombras, escuridão, vermes, e terra.
Lêstes, bellas ? Tremeis ? Magos encantos
Baceia a mão do tempo, arrasa a campa :
Porém do Genio á voz — curva-se o tempo :
Quebra o sepulcro a lage aos pés do Genio.
Não !... de todo não morre uma belleza
De um Genio idolatrada ;
Que a luz brilhante, que lhe anima os carmes,

O luzente phanal, que o illumina
Nas borrascas da vida,
Jámais, jámais se apaga.

V.

Cidades destruidas,
Imperios derrocados,
Oh ! quantas, quantas vezes
O Genio, qual brandão, vos esclarece
As pallidas ruinas,
Lê nellas vossa gloria, e vos confia
A's trombetas da fama !...
Si foge a tempestade,
Si as estações revivem,
Si as noites reproduzem novos dias,
E os dias novas noites,
Servos obedecendo á voz do Eterno,
Mensageiro do Eterno o Genio exerce
Igual poder na terra !... A Natureza,
No meio das procellas,
Si a voz lhe escuta, abandonando as furias,
Dissipando de um sopro atroz horrores,
Surge risonha, como á voz divina,
Sahiu do cahos informe, — encantadora,
Toda nua, trazendo por adornos
Nos seios o Verão, nas mãos o Outono :
Nos cabellos prendendo a Primavera,
Por chapim de crystal calçando o Inverno.
Do Genio ouvindo o canto,
Remoçam-se as idades,

Os mortos dos sepulcros se levantam,
E vivem nova vida
Dos homens na memoria.

VI.

O' Anjo das ruinas,
Vôa ao teu reino, que é tarefa inutil
Extinguir o que é bello no universo,
Emquanto o lume santo
D'inspiração celeste
Mentes illuminar predestinadas.
Aos sons miraculosos
D'harpa do Genio resurgindo ovantes
O saber, a virtude,
Meigos encantos de gentil belleza,
Hão de zombar de ti— quebrar-te o solio,
Calcar-te aos pés a fronte.

VII.

Como o gemer de vaga, que se quebra
No sopé do rochedo ;
Como ribombo de trovão, que rola
Pelos longes do espaço,
Ou écho de clarim perdido em ermos,
Do Genio a voz echôa no infinito,
E, por ella acordada,
O semblante solemne
Ergue para sauda-lo a Eternidade.

Lá sôa o bronze, solfejando a nota
Da alprecata da morte sobre as campas.
 O sol está no occaso !!!
 O Genio ancioso espera
O signal de seu vôo ao Ser Supremo.
Vêde-lhe o pensamento :— é uma lyra,
Donde os dedos da Fé extrahem dextros
 Mellifluos sons divinos—
São os psalmos do genio agonisante :
E a ultima das notas é sua alma,
Que se perde no céu! — De lá, ó morte,
 Sorrindo a teu poder te desafia
Pelo raio divino armada a dextra,
 Dos céos abroquelado ;
 Emquanto cá na terra,
Sarcasmo ao teu poder, seu nome trôa,
Como um brado de gloria, enchendo o mundo.

NO ALBUM D'UMA SENHORA

Meu nome aqui deixára solitario
 Escripto nessa côr ;
Com que desde nascido as phaxas d'alma
 Tingiu-me o dissabor ;

Meu nome aqui deixára solitario
 Em traço negro incerto,
Qual friso do buril da desventura
 Em claro plano aberto ;

A não temer que alguém, que não soubesse
 O que este nome diz,
Ao vê-lo neste livro me insultasse
 Chamando-me feliz.

Saiba, pois, quem o lêr, que de uma Virgem
 No livro afortunado
Seu nome escuro, como seu destino,
 Escreve um desgraçado !

Sobre elle verta a Virgem uma lagrima
Do seu pranto celeste,
Que talvez se desbotem os negrumes
Do luto que o reveste.

Sim, ó Virgem, do pranto de teus olhos,
Concede, sim, concede
Uma lagrima triste ao pobre nome
Que lagrimas só pede !

De teus olhos quizera uma centelha
Um peito de volcão ;
Ao contrario, porém, só pede pranto
Um morto coração !

O sol illumina, a gala offende
Ao solo mortuario :
Só sobresaem os crystaes do pranto
Dos mortos no sudario.

Eia, pois, cahir deixa neste nome
O teu pranto celeste ;
Que talvez se desbotem os negrumes
Do luto que o reveste.

ESTRAGOS DE AMOR

I.

Miseraveis insensatos,
Escravos da formosura,
Curvados a seu aceno,
Buscais vida no veneno
Que vos leva á sepultura !

II.

Nos seus braços reclinados,
Beijando em ternos carinhos
Divinas faces mimosas,
Libais o nectar das rosas
Sem reparar nos espinhos !

III.

« Oh ! loucos, vêde a verdade,
« Conhecei essa illusão,
« Porque viveis seduzidos ? »
Embalde contra os sentidos
Afflicta brada a razão !...

IV.

Nada alcança : tudo cede
Ao amoroso desmaio : —
Lumiando o par gentil,
Brilha amor como um fuzil,
Mas ao fuzil segue o raio.

V.

Lá do monte da esperança
Cresta o fogo as verdes fraldas ;
E de quanto possuía
Só conserva a fantasia
Seccas, dispersas grinaldas.

VI.

Suspeitas, tyrannas serpes,
Nos peitos cravando os dentes,
Com seu sangue se alimentam ;
Das chagas chammas rebentam,
Das chammas novas serpentes.

VII.

Em furor e desespero
Começa o triste a chorar,
Vendo a estrada que seguiu ;
Morde o laço em que cahiu,
Mas não pôde-o desatar !...

VIII.

A razão, para vingar-se,
Mais augmenta o seu flagicio,
Com semblante inexoravel,
Muda, surda, imperturbavel,
Assistindo ao sacrificio.

IX.

Tudo é dôr, tudo agonia,
E queixumes contra o fado ;
Suspiros e pranto ardente,
Desespero no presente,
Saudades pelo passado !....

X.

Té que vai desabrochando,
Pelo pranto d'afflicção
Regada continuamente,
Do desengano a semente
Nas cinzas do coração.

XI.

Ergue a planta a fronte altiva,
Mas de tristonha apparencia ;
Folhas, tronco, é toda luto ;
Tem mirrado raro fructo ;
Esse fructo — é a exp'riencia. —

XII.

Das ruínas levantado,
Vê-se o espirito surgir ;
Vem com passo fatigado,
Como guerreiro cansado,
A'sua sombra dormir.

XIII.

Presto acorda, e então, cedendo
Da fome aos crueis assomos,
Alguns ramos segurando,
Vai colhendo, e vai traga
Os amargos negros pomos.

XIV.

Comeu, ergueu-se, é já outro !
Foi-se do rosto a meiguice !
Do tronco um ramo quebrado
Serve ao triste de cajado—
Eis a imagem da velhice.

XV.

Está tudo terminado !
Está completa a sentença !
Aos fogos succedem gelos,
Que annunção nos cabellos
A idade da indifferença !

XVI.

Lá vai o velho mesquinho,
Lá vai desacompanhado,
O caminho da existencia,
Nutrido pela exp'riencia,
Ao desengano arrimado.

XVII.

Só seus pés tocão na terra,
Os olhos do céu na luz,
Entregue a culto profundo,
Lá vai, fugindo do mundo,
Cair nos braços da Cruz.

XVIII.

Lá expira... mas dizei-lhe—
Amor ! Vereis n'um transporte
Como seus olhos scintillam,
Como a um tempo se aniquilam
Todas as forças da morte !!....

XIX.

E' que amor inexoravel
Nos seus planos iracundos,
Si os mortaes torna captivos,
Nem minora o mal dos vivos,
Nem respeita os moribundos.

XX.

**Restaura as forças da vida,
Não nos consente morrer ;
Porque lá nas sepulturas
Seus tormentos e torturas
Não se pôde padecer.**

XXI.

**Envenenados farpões
Nos manda em suspiros ternos ;
Cinge aos olhos mago véo,
E pelos jardins do céu
Nos encaminha ao inferno.**

XXII.

**Fugi, humanos !... fugi
De seu veneno traidor !
Sem culto, desamparados,
Sumam-se, ao tempo votados,
Altars, templos de Amor....**

A MINHA RESOLUÇÃO.

O que fazes, ó minh'alma ?
Coração, porque te agitas ?
Coração, porque palpitas ?
Porque palpitas em vão ?
Si aquelle que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração !

Corre o ribeiro suave
Pela terra brandamente,
Si o plano condescendente
Delle se deixa regar ;
Mas, se encontra algum tropeço
Que o leve curso lhe prive,
Busca logo outro declive,
Vai correr n'outro lugar.

Segue o exemplo das aguas,
Coração, porque te agitas ?
Coração, porque palpitas ?
Porque palpitas em vão ?

Si aquelle que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração !

Nasce a planta, a planta cresce,
Vai contente vegetando,
Só por onde vai achando
Terra propria a seu viver ;
Mas, se acaso a terra esteril
A's raizes lhe é veneno,
Ella vai n'outro terreno
As raizes esconder.

Segue o exemplo da planta,
Coração, porque te agitas ?
Coração, porque palpitas ?
Porque palpitas em vão ?
Si aquelle que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração !

Saiba a ingrata que punir
Tambem sei tamanho agravo :
Si me trata como escravo,
Mostrarei que sou senhor ;
Como as aguas, como a planta,
Fugirei dessa homicida ;
Quero dar a um'alma fida
Minha vida e meu amor.

A LINGUAGEM DOS TRISTES

Si houver um ente, que sorvido tenha
Gôta a gôta o veneno da amargura ;
Que nem nos horizontes da esperança
Veja raiar-lhe um dia de ventura ;

Si houver um ente, que, dos homens certo,
Nelles espere certa a falsidade ;
Que veja um laço vil n'um rir de amores,
Uma traição nos mimos da amizade ;

Si houver um ente, que, votado ás dôres,
Todo com a tristeza desposado,
De crueis desenganos só nutrido,
Sómente males esperar do fado ;

Que venha acompanhar-me na agonia,
Q'esta minh'alma, sem cessar, traspassa !
Venha, q'ha muito luto, a ver se encontro
Quem sinta, como eu, tanta desgraça !

Venha, sim , que talvez por nosso trato
Uma nova linguagem seja urdida,
Em que possam fallar-se os desgraçados,
Que do mundo não seja traduzida.

Por lei inexoravel do destino,
Quem gemer á desgraça condemnado,
Inda lidando no lidar do mundo,
Ha de viver do mundo desterrado.

E em que desterro !... Os outros só nos tiram
Os olhos do lugar do nascimento ;
A desgraça, porém, do mundo inteiro
Desterra o coração e o pensamento.

Ao menos a linguagem deste exilio
Mais supportavel torne a vida crua ;
Tenha ao menos a terra da desgraça
Uma linguagem propriamente sua.

E quem têl-a melhor ? Por mais que falle
O seductor prazer em phrase ardente,
Por mais que se perfume e se floreie,
Nunca é, como a dôr, tão eloquente.

Nos phenomenos d'alma o corpo sempre
Do seu modo de obrar diversifica ;
Pelas quebras da organica fraqueza
A força esp'ritual se multiplica.

Quando, livre, o esp'rito aos céos remonta,
Da Eternidade demandando o norte,
Toda força primeva recobrando—
Tomba a materia, e cai nas mãos da morte !

Quando o gaz do prazer dilata o seio,
A força do sentir dormente acalma ;
Quando a prensa da dôr o seio aperta,
A força do sentir se expande n'alma.

Assim novas palavras, novas phrases,
Nova linguagem, pede o soffrimento ;
Porque dobra o sentir, e duplas azas
P'ra vôos duplos colhe o pensamento ;

Não, não pôde em seus termos quasi inertes,
Esse fallar commum de cada dia,
Deste duplo sentir, d'idéas duplas,
Expressar fielmente a valentia.

Enganais-vos, ditosos ! Vossas fallas,
Annos que fallem, nunca dizem tanto,
Quanto n'um só momento dizer pôde
Um suspiro, um soluço, um ai, um pranto.

Eia, pois, tristes ! eia !... desde agora
Uma nova linguagem seja urdida,
Em que possam fallar-se os desgraçados,
Que do mundo não seja traduzida.

Veja o mundo, de gozos egoista,
Q'os tristes nada tem de suas lavras :
Que, orgulhosos na patria da desdita,
Nem dos ditosos querem as palavras.

AOS ANNOS

DO MEU PREZADO AMIGO

JOSÉ PEDREIRA FRANÇA.

I.

Um dia natalicio em quantas faces
Se póde desenhar !
Que scenas de prazer e de pezares
Nos póde retratar !

Annel d'oiro, ou de ferro, annel q'estala,
Na cadeia da vida ;
Marco de legua pela morte ganha,
E para nós perdida.

Origem de uma fonte que começa
Onde outra terminou ;
Berço de um tempo, mas tambem sepulcro
De um tempo que passou !

Porém porque razão sempre festivo
Se mostra o rosto seu? —
Porque o anno que nasce esquecer deixa
O anno que morreu :

Porque emquanto na estrada da existencia
A humanidade avança,
Deixa sempre olvidar os desenganos
Co'os olhos na esperança.

Mas o tempo, que corre desta sorte
P'ra todos os humanos,
Oh ! Pedreira feliz ! — mudou de aspecto
No curso de teus annos.

O tempo, que se passa inertemente,
Tem vida transitoria ;
Mas o tempo contado por virtudes
Tem sempre eterna gloria.

Não serão pois cobertos os teus annos
Do olvido pelo véo :
Quando morram na mente dos ingratos,
Com Deus serão no céo.

Não tens aureos brazões por habil dextra
Com arte burilados ;
Não cinges toga illustre, nem tens nome
No rol dos purpurados ;

Porém, sem as virtudes q' em tu'alma
Existem engastadas,
São titulos, brazões, fama, riquezas
Misérias enfeitadas.

São flôres sem aroma, e cujo viço
Ephemero não dura ;
Phosphoricos phanaes, que a sorte accende,
E apaga a sepultura.

Que sempre encares com igual semblante
O Céu — e o Céu propicio
Não deixe a menor nuvem de desgosto
Turvar teu natalicio—

Taes são os votos meus, nunca inspirados
Por vil adulação ;
Quando minh'alma os escreveu, a penna
Molhou no coração.

Taes são os votos meus na voz expressos,
De frouxa poesia,
Que verte a lyra pouco acostumada
Aos hymnos d'alegria :

Filha de um estro fraco e perseguido
Por fado sem piedade,
Vagando peregrino em terra estranha
Nos ermos da saudade.

II.

Mas inda que a sorte
Um estro me desse,
Que aos astros pudesse
Teu nome elevar ;
Emquanto vir triste
Com dôres pungentes
A patria em correntes,
Não posso cantar.

Não posso cantar,
Emquanto vir bravos
Rojar como escravos
Infame grilhão:
Curvando a sicarios
A fronte sublime !
Submissos, sem crime,
Pedindo perdão !

Não posso cantar,
Emquanto um malvado
Poder infamado,
Audaz, sem pudor,
Com seu bafo infecta
Brasilio horizonte,
Trazendo na frente
— Prevaricador— ;

Emquanto essa gente,
Tão impia e tão vil,
Meu caro Brazil
Puder governar :

Co'a patria inundada
De luto e de pranto,
Não posso ter canto,
Não posso cantar.

Porém, si algum dia
O fero dominio
Do impio exterminio
Tiver de morrer ;
Si o povo, esquecido
De loucos enganos,
Um dia os tyrannos
Quizer abater :

Si um dia, cansada
De tanta maldade,
Soltar Liberdade
Seus raios da mão,
E os sceptros pesados
Dos reis fementidos,
Por elles fundidos,
Rolarem no chão ;

E as nossas campinas
E prados virentes,
E os céos de contentes,
Trajados de azul,
Ouvirem os hymnos
Da livre cohorte
Da parte do Norte,
Da parte do Sul ;

E os grandes Andradas,
Canecas, Machados,
E mais nomeados
Por alto valor,
De lá do Emyreo
Taes cantos ouvindo,
Saudarem, se rindo,
Seu povo senhor;

Então minha lyra,
Coberta de flôres,
Já livre, louvores
Podendo entoar,
Aos doces encantos
Da quadra formosa
Virá sonora
Teus annos çantar.

EPICEDIO

A' MORTE

DO DOUTOR

José de Assis Alves Branco Moniz Barreto

e offerecido ao Illm. Sr.

DR. LUIZ MARIA A. F. MONIZ BARRETO

I.

**Morreu, enfim, morreu ! Aquelle Genio,
Para quem pareceu pequeno o mundo,
Por milagre da Morte limitou-se
A um pedaço de terra ! Alli com elle
Ricos thesouros de um futuro immenso,
De mil triumphos avultadas palmas,
De gloria mil corôas, tudo encerra
Aquelle estreito chão no seio estreito !
São um mysterio as dimensões de um tum'lo ! !**

II.

Morreu ! Aquella magica trombeta,
 Que, das leis em defesa trovejando,
 Fez tremer e tingiu da côr do medo
 De protervos mandões soberbas frontes,
 Jaz por terra calada ! Aquella boca,
 Que em turbilhões sonoros de eloquencia
 Raios vibrava, gelida mordança
 Para sempre fechou ! O caudal rio,
 Que no curso afanoso promettia
 Tanta fertilidade ao patrio solo,
 Secca total sorveu ! Porque, ó Patria,
 Não pôde o pranto teu de novo enchêl-o ?
 Porque não pôde fervido cahindo
 Sobre a fatal mordança derretêl-a,
 E de novo acordar da tuba as vozes ?
 As entranhas da morte são de pedra ;
 Coração jámais teve a hydra impia ;
 Carnes humanas come, bebe lagrimas ;
 Só respira suspiros dolorosos
 E ais agonisantes : comthovêl-a
 Não pôde a tua dôr afflicta, Patria !
 Has de vêl-a dormindo aos échos della,
 E o monstro rir-se de prazer cruento
 Ao vêr o pranto teu banhar-lhe o solio.
 Mas não te desesperes, Mãi querida,
 Ha nos cofres da dôr certos segredos
 Que os miseros só sabem. São amigos,
 Amigos bem fieis da magoa os filhos :
 Um gemido consola outro gemido,
 Uma lagrima outra. Desde o berço

Para eterno chorar n'alma cavou-me
Da desgraça o punhal fontes de pranto,
Que de Assis pela morte transbordaram.
Patria ! seremos socios na amargura !
Baga com baga juntas, nossas lágrimas —
Crystallina torrente de saudades —
Unidas regarão do Herói a campa.

III.

Fatal presentimento deste golpe
Tres vezes tive ; adivinhei tres vezes
Do sabio moço a prematura morte !

IV.

Eu o vi inda imberbe n'um combate
Desses em que são almas—combatentes,
E a intell'gencia—espada : os sacros fóros
Da sciencia da vida defendia,
Dando vida á sciencia. Extasiado,
Qual uma ave rasteira, que contempla
Condor gigante, que nos vãos roça
No semblante do sol soberbas azas,
Bebi-lhe os rasgos da atrevida mente;
E concentrado em mim, disse commigo :—
Não póde viver muito !

V.

Correm tempos :
Para o campo da imprensa denodado

Se arroja o lidador. D'entusiasmo
Acceso e de prazer, banhei minh'alma
Na luz dos seus escriptos. Cada linha
Que delles lia attento me mostrava
Uma estrada de gloria ao novo Genio !
Cada palavra sua era uma pégada
Do progresso a correr, e cada syllaba
De patrioti-mo ardente uma scentelha
Que do saber ao sopro scintillava.
Vi-o, e pasmei de o ver, assim, tão joven ;
E, concentrado em mim, disse commigo : —
Não póde viver muito !

VI.

Na Tribuna,
Promettendo um Demosthenes futuro,
O joven apparece ; e vi o povo
Immenso, pasmo, immovel, todo ouvidos
A vêl-o combater, e Paladinos
Formidaveis cahindo aos golpes delle !
Vi sob'r'elle lançando olhares torvos,
Tremulos d'ira, os Aulicos ralarem-se,
Quando um sarcasmo seu rapido e fino,
Voando n'um motejo improvisado
Do leve sulco de um sorriso ironico
Nos corações de orgulho entumecidos
Lhes mastigava as fibras da vaidade.
Vi, e vi muitas vezes, confundidos
Ante o moço orador os Mandatarios
Do despotismo, quando pretendiam
Seus golpes rebater, presas as linguas,

Disparatado o curso das idéas,
Perderem-se de todo, e dar-lhe humildes
O vergonhoso culto do silencio.
Vi-o, e pasmei de o ver, assim, tão joven ;
E, concentrado em mim, disse commigo :—
Não póde viver muito !

VII.

Um *quê* bem certo
Para tanto dizer razão me dava.
Todo o sublime para o Céu deriva :
Era muito pequeno um craneo humano
Para tal pensamento. De seus vãos
Ao forte embate, as molas da materia
Estalam cedo, quando o genio é grande.

VIII.

A fatal prophécia está completa !
O prisma, que tres faces tão brilhantes
Ao sol do novo mundo apresentava,
Despedaçado está, ou reflectindo
Côres da eternidade á luz das campas !

IX.

Morreu !.. porém na hora derradeira
Inda resplandeceu ! O homem justo,
Entre as vascas do eterno passamento,
Em ancias e fadigas se attribula,

Mas no momento de deixar a terra,
Para voar a Deus, forças recobra,
E como astro da fé no céu da morte,
Qual em vida luziu, luzindo acaba.
E' como a luz, que triste bruxolêa
Prestes a se apagar, mas no lampejo
Da convulsão final aviva o lume,
E com dobrado resplendor éxpira.
E' como o sol no occaso enlanguecido,
Que desmaiado arqueja agonisante
Do mar nas ondas apagando os raios,
Mas que, ativo e zeloso de seus fóros,
P'ra morrer como sol, antes que morra
Com duplicada luz alaga o mundo.
Assis assim morreu. Na ancia extrema
Da mortal agonia, toda inteira
Su'alma concentrada n'um só ponto
Para da carne disparar seu vôo,
Luz celeste expandiu ; ao clarão della
O mundo appareceu-lhe como um doudo
Enfeitado, brincando co'as alfaias ;
Sorriu-se, desprezou-o, e seu desprezo
Todo se traduziu nessa sentença,
Com que sabio fechou, morrendo sabio,
O livro d'ouro da existencia sua.

X.

O amor paternal, da esposa o pranto
Tambem dos olhos pranto lhe arrancaram...
Mas nunca tocar pôde o desespero,
De leve nem sequer, naquelle peito
Ungido em fé christã. Da Providencia

Viu as mãos postas sobre as fronte's de ambos—
E creu e resignou-se.

XI.

Esses fantasmas,
Tristes, negros, medonhos, vaporosos,
Que na hora final o impio cercam,
Soffregos, como abutres esfaimados
Farejando-lhe o leito, o leito delle
Nem ousaram fitar ; visões celestes
Nas madornas da morte o embalavam.

XII.

Quebradas as cadêas que a prendiam,
Livre, das penas sacudiu o barro,
E em leve adejo penetrou sua alma
As aureas portas da cidade eterna
Entre applausos risonha ; e o seu archanjo,
Ao dar conta ao Senhor da missão alta
De a guardar sobre a terra, as niveas azas
Mostrou tão limpas, quaes do céo trouxera.

XIII.

Chora, ó patria, lamenta a infausta perda ;
Mas consola-te ao menos com lembrar-te
Que teu filho desceu sem mancha ao tumulo.
Morreu !... mas grande foi. Da liberdade
Filho amante nasceu ; della soldado,
Morreu firme em seu posto. Da sciencia
Candidato fiel, morreu philosopho.
Era uma planta de primor nascida

Em campo esteril, pedregoso e immundo ;
 Mas tão cheia de vida, q'inda nova
 E em terreno tão máo, brotava aos centos
 Do tronco verde vigorosos ramos ;
 Ramos cobertos de formosas flôres,
 E curvados de fructos. Encantado,
 De a ver assim tão bella, o Rei Celeste,
 Antes que envenenada percesse
 No solo ingrato, transplantou-a em breve
 Para os pomares seus.

XIV.

Patria, teu chôro,
 Merecem mais, que o morto, os filhos vivos.
 Ai ! tristes dessas plantas que ficaram
 No campo esteril, pedregoso e immundo !
 Pela má região contaminados,
 Raça degenerada os dias contam
 Por ampolhetas gravidas de crimes.
 Começa a punição. Esse do Egypto
 Anjo exterminador está comnosco ;
 Cada dia, um a um, nos vai ceifando
 Da liberdade os filhos primogenitos.
 Assim a espada da justiça eterna
 Invisivel nos fere, inopinada ;
 Assim os tectos da cidade impia,
 Do Senhor pela ira arremessado,
 Sem fuzil nem trovão, mudo, imprevisto,
 O raio punidor fulmina e abate.

SOBRE O TUMULO

DO MARECHAL PEDRO LABATUT

I.

Eis as scenas do mundo ! A mesma liça
Que o vio pela victoria laureado,
Donde nos brados dos canhões accesos
Da gloria aos penetraes mandou seu nome,
Veio (Grandes ouvi !) pedir, mendigo,
Uma esmola de terra ! !

II.

E quem o fez mendigo, sepultura
Estrangeira buscar ? ! Não cerra França
Aos mortos filhos seus braços maternos !
Mas não é outra a patria do soldado
Que o campo do triumpho, e esta terra
Barateou seu sangue p'ra compral-a.

III.

Foi elle neste campo o mestre e o guia
De uma raça de herões em cujas veias
Fervia com o sangue o amor da Patria !
Aqui, por sobre as fronte inimigas
 Passando como um raio
Que ao mesmo tempo espalha luz e morte,
 Os servos fulminando,
Sua espada de bravo a um bravo povo
O oriente mostrou da liberdade.
 Aqui viu esse povo
Decidido no empenho de ganhal-a,
Como um leão bramindo engolir chammas,
E vomitar na frente do tyranno
 Que tentava enfreal-o !
 Aqui o viu c'roado
 De civicas verbenas
 Com as cadeias fundidas
 No fogo do combate
O craneo esmigalhar do despotismo :
E a orda escrava que servia o monstro
Fugitiva a correr, lançar-se ás ondas,
Ou cahir tropeçando nas espadas.
Sentado em sua tenda de guerreiro
Aqui nos braços recebeu do amigo
 Os parabens alegres,
Que rindo repartiu com seus soldados,
E descansou, dormindo aos sons festivos
Dos hymnos marciaes, que aos Céos levavam
Entre vivas seu nome. Aqui... Não, cinzas,
Aqui, perante os netos generosos

Que gratos hoje vêm dar-vos seus cultos,
 Da traição dos avós não fallaremos.
 Do christão sobre a campa a caridade
 Com letras immortaes perdão escreve:—
 Perdão para os ingratos !!!

IV.

Neste campo,
 Em que se lhe marcou n'um ponto mixto
 Seu occaso e nascente, resumio-se
 A sua vida inteira. Mais que a França,
 Foste-lhe Pirajá : a França apenas
 Deu-lhe a luz da existencia, e tu lhe deste
 A immortalidade !

V.

E sempre grato
 Te foi o teu heróe. Nas densas trevas
 Da immensa eternidade, a porta incerta
 Da morte tateando, não perdia
 De vista o Pirajá. « Amados campos
 « Do meu melhor passado », soluçando
 Com voz fraca exclamou, « solo onde as palmas
 « Colhi, que tão sedento cobiçava
 « Nos meus sonhos de gloria, lá deixei-vos
 « A minha alma plantada ! Ah ! quem me dera,
 « Quando ella se partir, que mão amiga
 « Lá plante o meu cadaver ! »
 Felizmente esta prece foi gravada

N'um coração de ouro. Quem é elle?
Quereis dizer seu nome?—nomeai-o,
Mil tit'los lhe juntai : quanto ao poeta
Basta chamal-o—amigo.

VI.

Satisfiez-se

A vontade final do moribundo.
Dormir veiu o soldado o somno eterno
A' sombra de seus louros.

VII.

Eis aqui Labatut. Aguiar, Siqueira,
Jacome, abraçai vosso irmão d'armas !
Eis vosso General ! ! Mortos soldados,
Que sem campas errais, das andrajosas
Fardas que vos serviram de mortalha
A terra sacudi ! vinde postar-vos
Aqui em continencia ante seus manes,
Veteranos da nossa independencia!
Braços cortados do possante corpo
Que o throno levantou da liberdade,
Vinde, vinde verter sobre esta pedra
Uma lagrima, vinde ! Enfeita o pranto
Um semblante tostado nos combates,
Quando é vertido assim.

Povo, se és grato,
Só te não satisfaças com trazêl-o,
Dentro em teu coração leva este tumulo.

ADEUS AO MUNDO

I.

Já do batel da vida
Sinto tomar-me o leme a mão da morte :
E perto avisto o porto
Immenso nebuloso, e sempre noite,
Chamado—Eternidade !
Como é tão bello o sol ! Quantas grinaldas
Não tem de mais a aurora ! !
Como requinta o brilho a luz dos astros !
Como são recedentes os aromas
Que se exhalam das flores ! Que harmonia
Não se desfructa no cantar das aves,
No embater do mar, e das cascatas,
No susurrar dos limpidos ribeiros,
Na natureza inteira, quando os olhos
Do moribundo, quasi extinctos, bebem
Seus ultimos encantos !

II.

Quando eu guardava, ao menos na esperança,
 Para o dia seguinte o sol de um dia,
 De uma noite o luar para outras noites ;
 Quando contava durar mais que um prado,
 Mais que o mar, que a cascata erguer meu canto,
 E murmurar-o n'um jardim de amores ;
 Quando julgava a natureza minha,
 Desdenhava os seus dons : eil-a vingada :
 Cedo de vermes rojarei ludibrio,
 E vida alardearão fracos arbustos
 Sobre meu lar de morto ! A noite, o dia,
 O inverno, o verão, a primavera,
 A aurora, a tarde, as nuvens, e as estrellas,
 A rir-se passarão sobre meus ossos !
 Não importa : não é perder o mundo
 O que me azeda os pallidos instantes
 Que conto por gemidós. Meu tormento,
 Minha dôr, é morrer longe da patria,
 Da mãe, e dos irmãos que tanto adoro.

III.

Quando da patria me ausentei, não tinha
 Nada, que lhes deixar, que lhes dissesse
 O que eram elles dentro de minh'alma.
 Mendigo, a quem cedi pequena esmola,
 Deu-me quatro sementes de saudade ;
 Ao meu jardim domestico levei-as,
 Cavei, reguei a terra com meu pranto,

E plantei as saudades. Soluçando
Chamei alli os meus : « Aqui vos deixo
(Disse apontando á plantação) « em flôres
« Minh'alma toda inteira ; aqui vos deixo
« Um thesouro enterrado. Joias, oiro,
« Riquezas, não, não tem, porém na terra
Esteril não será. » Ondas de pranto
Afogaram-me a voz : houve silencio ;
Palpei de novo o chão ; vi que de novo
Cavado estava ! A terra se afundára,
E as sementes nadavam sobre lagrimas,
Que minha mãe e minha irmã choravam
Replantei-as, orei, beijei a terra,
E parti... Trouxe d'alma só metade ;
E o coração ?... deixei-o n'um abraço.

IV.

Certo estou de que a planta, já crescida,
Terá brotado flôr. Si ao menos dado
Me fosse colher uma... ver a terra
Pelo pranto dos meus sanctificada !
Si uma dessas saudades enfeitar-me
Viesse a minha eça, ou meu sudario,
Ou, pela mão materna transplantada,
Encravar-me as raizes no sepulcro
E' tão pouco, meu Deus ! ... Eu não vos peço
Soberbo mausoléu, estatua augusta
De tumulo de rei. Assaz desprezo
Esses gigantes de oiro
Com entranhas de pó. Mortalha escassa
De grosseiro burel, que bordem lagrimas ;

Terra só quanto baste p'ra um cadaver,
E as minhas saúdaes, e entre ellas
Uma cruz com os braços bem abertos,
Que peça a todos preces. Terra, terra
Perto dos meus e no torrão da patria,
E' só quanto supplico.

V

A morte é dura,
Porém longe da patria é dupla a morte.
Desgraçado do misero, que expira
Longe dos seus, que molha a lingua, secca
Pelo fogo da febre, em caldo estranho ;
Que vigalias de amor não tem consigo,
Nem palavras amigas que lhe adocem
O tédio dos remedios, nem um seio,
Um seio palpitante de cuidados
Onde descance a languida cabeça !

Feliz, feliz aquelle, a quem não cercam
Nesse momento acerbo indifferentes
Olhos sem pranto ; que na mão gelada
Sente a macia dextra d'amizade
N'um aperto de dôr prender-lhe a vida !

Feliz o que no arfar da ancia extrema
De desvelada irmã piedoso lenço,
Humido de saudades vem limpar-lhe
As frias bagas dos finaes suores !

Feliz o que repete a extrema prece,
Ensinada por ella, e beijar pôde
O lenho do Senhor nas mãos maternas !

Desgraçado de mim !... Talvez bem cedo
Longe de mãe, de irmãos, longe da patria
Tenha de me finir ... Ramo perdido
Do tronco que o gerou, e arremessado
Por mão de Genio máo á plaga alheia,
Mirrarei esquecido ! Os céos o querem,
Os Céos são immutaveis : aos decretos
Do Senhor curvarei a fronte humilde,
Como christão que sou. Eternidade,
Recebe-me a teu bordo !... Adeus, ó mundo !

VI.

Já sinto da geada dos sepulcros
O pavoroso frio enr gelar-me...
A campa vejo aberta, e lá do fundo
Um esqueleto em pé vejo a acenar-me...

Entremos. Deve haver nestes lugares
Mudança grave na mundana sorte :
Quem sempre a morte achou no lar da vida,
Deve a vida encontrar no lar da morte.

Vamos. Adeus, ó mãe, irmãos, e amigos !...
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, ceus !...
Adeus, que vou viagem de finados...
Adeus... adeus... adeus !

Adeus, ó sol, que, amigo illuminaste
Meu pobre berço com os raios teus ...
Illumina-me agora a sepultura :—
Adeus, meu sol, adeus !

Flôresinhas, que quando era menino
Tanto servistes aos brinquedos meus,
Vegetai, vegetai-me sobre a campa :—
Adeus, flôres, adeus !

Vós, cujo canto tanto me encantava,
Da madrugada aligeros orpheus,
Uma nenia cantai-me ao pôr da tarde :
Passarinhos, adeus !

Vamos. Adeus ó mai, irmãos, e amigos !...
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, ceus !...
Adeus, que vou viagem de finados !...
Adeus !... adeus !... adeus !

A MINHA VIDA

AO MEU AMIGO E COLLEGA

A. J. RODRIGUES DA COSTA (*)

I.

Este mundo é-me um deserto
Por onde um vulcão passou,
E gravada a minha historia
Em traços negros deixou.

São-lhes tectos bronzeados
Escuros, medonhos céos,
Onde bramam tempestades
Em continuos escarcéos.

Só, por elle vai minh'alma,
Nos destroços tropeçando,
Com passo tardio e incerto
Tristemente caminhando.

(*) A esta trova devem os meus leitores os seguintes versos do meu amigo, unica poesia verdadeira que ahi vai neste volume de prosa metrificada.

Marcha... marcha... emfim, cansada
De tão longo caminhar,
N'alguma pedra que encontra
Descansa, e põe-se a chorar.

Olha o céu... nem uma estrella !
Olha a terra... é negro chão !
Clama em brados por soccorro,
Só responde o furacão !

Nos olhos secca-lhe o pranto...
Continúa a caminhar,
E n'outra pedra distante
Descansa, e põe-se a chorar.

II.

E' triste o seu fadario ; mas ao menos
Oh ! balsamo do céu, piedosas lagrimas !
Da infeliz peregrina a dôr pungente
Um pouco mitigais.

E só me alento
Quando posso chorar : são meus prazeres
Um banquete de lagrimas ! Mil vezes
Alegre ter-me-hão visto entre os alegres,
Conversando, soltar ditos chistosos
A rir e fazer rir. Um drama a vida
Não é ? Porque julgar-se do semblante,
Do semblante, essa mascara de carne
Que o homem recebeu para entrar no mundo,
O que por dentro vai ? E' quasi sempre,
Se ha estio no rosto, inverno n'alma.

Confesso-me ante vós: ouvi, contentes !
 O meu riso é fingido ; sim, mil vezes
 Com elle afogo os échos de um gemido
 Qu'imprevisto me chega á flôr dos labios ;
 Mil vezes sobre as cordas afinadas
 Que tanjo, o canto meu acompanhando,
 Cabe pranto. Oh! praza ao céo qu'inda o não viçseis !

Eu me fingo ante vós, que o fingimento
 E' no lar do prazer prudencia ao triste.
 Louco fôra por certo o que cantasse
 D'exequias hymno em bôdas ; ou de noiva,
 Qu'em transportes de amor o esposo abraça,
 Crepe de viuvez lançasse ao thalamo.
 Eu me finjo ante vós porque venero
 O sublime das lagrimas ; conheço-as :
 São modestas Vestaes, vivem no ermo,
 Aborrecem festins ; olhos que o fogo
 Do banquete accendeu lhes são odiosos :
 Descidas lá do céo, Virgens do Empyrio,
 Têm vestes de crystal, temem manchal-as.
 Bem fechadas nos claustros de meus olhos,
 Dentro em meu coração hei de escondêl-as,
 Guardal-as bem de vós, contentes, hei-de,
 Porque a dôr me não traia neste empenho,
 Zelosa e vigilante sentinella,
 Em meus labios trazer constante um riso.

III.

Hei de fingir-me ante vós,
 Porque sei que o desgraçado,
 Se a desgraça não occulta,
 E' de todos desprezado ;

Que o feliz, que goza os fructos
Dos pomares da ventura,
Não conhece o gosto acerbo
Da peçonha da amargura ;

Que aos tristes consoladoras
Palavras nos labios seus,
São as palavras de Christo
Na boca dos Phariseus.

IV

Nestes versos vos dou minha vida ;
Minha vida, mortaes, é assim :
Ante os homens um riso mentido,
Longe delles um pranto sem fim.

E' veneno de arabico aroma,
Entre fumo subtil disfarçado ;
E' cadaver de carnes despido,
Com vestidos de gala trajado.

E' sepulcro, onde, o escarneo da morte,
Mausoléo magestoso se arvora ;
Morte, trevas e terra por dentro ;
Vida, luzes e pompa por fóra.

Nestes versos vos dou minha vida,
Minha vida, mortaes, é assim :
Ante os homens um riso mentido,
Longe delles um pranto sem fim.

O QUE SOU, E O QUE SEREI !

AO MEU AMIGO E COLLEGA

LAURINDO J. DA SILVA RABELLO

I.

HOMENS, que vêdes-me a passar sombrio
Pela estrada que vai da vida á morte !
Talvez buscaís saber meu *que* de vida —
O que sou, que serei, qual é meu norte.

Caso occulto de amor — certo — suppondes,
Que um moço trovador é sempre amores :
Nem póde outro condão sobre seu peito,
Nem se *acurva* — tão cedo — a outras dôres.

Julgais bem; — porém pouco... que em minha alma
Amor plantou — mais fundo — o seu feitiço :
Dai mais peso ao que eu sinto, homens, que trago
O viver, como vêdes, tão submisso !

Não cuideis que o penoso sentimento,
Que toda prende a amor minha existencia,
E' como esse sentir que todos sentem,
De um dia, sem ardor, sem vehemencia !

Tambem já assim amei, se amor se pôde
Chamar essa illusão de namorado,
Mas hoje este sentir me é tão da vida
Que, se elle me faltar, ver-me-heis finado.

II.

Indagais meu soffrer ! Buscai na terra
O ente mais formoso,
Aquelle que do céu fôr mais mimoso—
Que todo meu sentir nelle se encerra.

Vendo-o, formai de mim vosso juizo ;
Se o encontrardes ledo,
Contai que descobristes o segredo
Do meu prazer... vereis—sou todo riso.

Mas, si, ao contrario, virdes o quebranto
Da tristeza em seu rosto,
Julgai-me logo a padecer exposto ;
Sabei logo o que sou... sou todo pranto.

Se o virdes pôr em mim seus olhos bellos,
Seus labios me sorrindo,
E seu seio a ondular candido e lindo...—
O que eu sou—decifrai—sou todo anhelos.

Se uma palavra der-me, á semelhança
Das palavras do céu,
Do coração rasgai-me o tenue véo,
E ahí lêde o que sou—sou todo esp'rança !

Contemplai a que amo.—Ora em languores
Quasi desfallecida;
Ora toda expressão, incendio e vida—
E dir-me-heis si hei-de, ou não, morrer de amores.

Homens ! Eis o que sou !—Dos trovadores
O que mais soffre e sente ;
Por este coração, por esta mente,
Sou todo inspirações, sou todo amores !

III.

Mas perguntais-me vós, porq'inda triste
Vou caminho da vida pensativo,
Depois de o ente achar, que unico deve
Por aureas sendas ao porvir levar-me ?!
Porque ? Porque inda resta-me a incerteza,
Essa inimiga certa da esperança,
Que se me antolha horrenda em meus transportes !

Di-lo-hei todavia, homens (embora
Traia o meu coração neste segredo,
Que a mim só confiou), di-lo-hei—é força,
Pois o exigis, é força confessar-vo-lo—
O que serei, ouvi... é vaticinio
De um coração, a quem tornou propheta
A luz de uns olhos lá do céu descidos.

Serei Nume, ou Demonio sobre a terra...
Todo ternura e amor, ou todo colera...
Todo venturas, ou desgraças todo.

Ser minha, ou não—eis todo o meu futuro,
Para o qual duas paginas abertas
Em perfeito contraste ha nesse livro
Immenso do porvir. E' uma dellas
Toda negra e de sangue salpicada;
A outra toda rosea, e matizada
De azul e verde, com relevos de ouro !
Destas paginas n'uma os nossos nomes,
O della e o meu, por força hão de gravar-se.

Ver-me-heis Demonio apascentando furias,
Precipitado a caminhar na terra,
Como quem busca o termo da existencia;
Dos olhos a saltarem-se faiscas
De loucura e furor; na dextra um ferro,
Nos labios um som unico—vingança !
E assim medonho, impenetravel, louco,
Pisando por abrolhos sem sentil-os, -
Insensivel a tudo, ao próprios crimes,
Querendo o mundo emfim todo de sangue!...
Se ella minha não fôr—serei Demonio!

Ver-me-heis, porém, um Nume de venturas,
Um prisma de affeições, candidas todas,
Um poeta de amor, sorrindo á terra,
Um ente só feliz olhando encantos ;
Ver-me-heis co'os olhos em seu rosto impressos,
Como os seus em minha alma impressos brilhão ;
Ver-me-heis co'os labios em seus pés,—e ao mundo
Entretanto c'os pés calcando a fronte ! !
Se Eulina minha fôr !—serei um Nume ! !

IV.

**Homens! Eis meu porvir :—dos trovadores
Ou o mais desgraçado,
Ou um Poeta magico, inspirado,
Bebendo vida e luz n'um céu de amores.**

Bahia, 28 de Janeiro de 1853.

ANTONIO JOAQUIM RODRIGUES DA COSTA.

AMOR E LAGRIMAS

OFFERECIDA AO MEU COLLEGA E AMIGO

MANOEL BERNARDINO BOLIVAR

Si ainda fosse possível na minha alma
Amanhecer um dia de ventura,
Corado por um beijo de donzella
Aò despontar d'aurora...

Si, Anjo de salvação mandado ao misero,
Sorrindo, pelo céo jurasse a bella
Fazer-me cada vez por novos beijos
Mais rubra a côr do dia...

Si fiel companheira em toda parte
Quizesse me seguir, presa commigo,
Como um raio celeste preso a um astro
A illuminar-lhe o curso...

Si a visse, desdenhosa a mil thesouros,
Só por ter-me, deixal-os, e contente
A gabar-me o sabor do pão grosseiro
Que me alimenta a vida...

Não a crêra ; e talvez que até julgasse
Tantas provas de amor atroz perfidia,
Si amor me não brilhasse nos seus olhos
No centro de uma lagrima.

Amor é fogo ; o coração que ama
Todo nas suas chammas se evapora,
No rosto se condensa, e chega aos olhos
Em agua convertido.

Que é um riso ? — Um prazer. Prisão estreita
De duas almas ? — Sympathia apenas :
E os abraços e beijos ? — Muitas vezes
Sustento de lascivia.

Tudo isso diz amor ; mas quando ? — Quando,
Filho de um doce affecto que se apura
Nos cadinhos da dôr, é baptisado,
N'um baptismo de prantos.

É bello ver-se uns olhos scintillantes,
Accesos em vulcões de fogo ignoto,
A dardejar faiscas invisiveis
Que os corações abrasam :

É bello vêr-se um rosto nacarado
No carmim do prazer : é bello vêr-se
Partir fino coral de rubros labios
Um *sim* d'alma sahido :

Mas em rostos assim amor não falla ;
E, se falla, as mais vezes diz mentiras ;
E este—*sim*—que tomamos por verdade,
É escarneo do crente.

Quereis vê-lo sincero ? Observai-o
N'açucena de um rosto desmaiado,
Entre os lírios de uns lábios que' roxêam
Suspiros de agonia :

N'uns olhos, cuja luz crepusculante,
Entre a neve das lágrimas, pareça
Reverbero da alampada mortíça
Do templo da saudade.

Ahi podeis lhe crer o que disser-vos,
Podeis seguil-o sem temer um crime ;
Que amor, si o pranto lhe horrifa as azas,
Seu vôo ao céo dirige.

A SAUDADE BRANCA

COMPOSTA POR

ocasião da morte de minha irmã

e oferecida ao meu intimo amigo e collega

ANTONIO AUGUSTO DE MENDONÇA JUNIOR

QUE tens, mimosa saudade ?
Assim branca quem te fez ?
Quem te pôz tão desmaiada,
Minha flôr ? Que pallidez !...

Ah !... já sei : n'um peito vario
Emblema foste de amor ;
O peito mudou de affecto,
E tu mudaste de côr.

Mas não ; só peito animado
Por constancia e lealdade,
Unida pôde trazer-te
Comsigo, minha saudade.

Demais tu não mudas : seja
Qual fôr o destino teu,
Conservas sempre o aspecto
Que a natureza te deu.

Que tens, mimosa saudade ?
Assim branca quem te fez ?
Quem te poz tão desmaiada,
Minha flôr ? Que pallidez !

Quem sabe si és flôr, saudade ?...
Quem sabe ? Da sepultura
Amor nas pedras penetra
Por milagre da ternura.

Quem sabe... (Oh ! meu Deus, não seja,
Não seja esta idéa vã !)
Si em ti não foi transformada
A alma de minha irmã ? !

« Minh'alma é toda saudades ;
« De saudades morrerei » —
Disse-me, quando a minh'alma
Em saudades lhe deixei ;

E agora esta saudade
Tão triste e pallida !... assim
Como a saudade que geme
Por ella dentro de mim !...

A namorar-me os sentidos !...
A fascinar-me a razão !...
Julgo que sinto a voz della
Fallar-me no coração !

Exulta, minh'alma, exulta !
Aos meus labios, flôr louçã !...
No meu peito... Toma um beijo...
Outro beijo, minha irmã !

Outro beijo, que estes beijos
Não te prohihe o pudor ;
Sou teu irmão, não te mancham
Os beijos do meu amor.

Falla um pouco. Si almas podem
Em flôres se transformar,
Sendo almas encantadas,
As flôres podem fallar.

Mas não fallas ?,... não respondes ?...
Oh ! crueis enganos meus !...
Saudade, porque me illudes ?
Minha irmã !... Meu Deus !... meu Deus !...

Minha irmã !... minha ventura,
Esperança, encanto meu !
É teu irmão quem te chama !...
Responde !... falla !... Sou eu !

Dista muito o céu da terra ?
Os anjos azas não tem ?
Desata um vôo, meu anjo !
Não tardes, meu anjo ! Vem !

Vem ! Ao menos um momento
Quero vêr-te, irmã querida :
Embora, depois de vêr-te,
Fique cego toda a vida.

Mas não vens ? Deus te não deixa
Vir ao mundo, meu amor ?
Só devo encontrar no pranto
Lenitivo á minha dôr ?

Ah ! minh'alma desfallece...
E o coração, que apressado
Com tanta força batia,
Mal palpita... está cansado.

Muda, sem termos, nem vozes
Me vai ralando a ágonia :
A tempestade de angústias,
Mudou-se em melancolia.

Que é isto ? ! Como tão negro
Ficou-me todo o horizonte !
Que suor me banha o rosto !
Que peso sinto na frente !

Ah ! meu Deus ! graças ! aos olhos
O pranto sinto chegar ;
Si a boca não falla, ao menos
Os olhos podem chorar.

Nós temos duas saudades ;
Uma de sangue ensopada
Pela mão do desespero
No seio d'alma plantada ;

Outra da melancolia
Toma o gesto, e veste a côr,
Exangue, pallida e fria,
Mas calada em sua dôr.

Parece que a natureza
Quiz provar esta verdade,
Quando diversa da rôxa
Te creou, branca saudade.

AO MEU AMIGO E MESTRE

O SENHOR

FRANCISCO MONIZ BARRETO

1.

Dizer não posso o que és, o que é teu canto,
Que o diga o Sol da Pátria
Nos céus aos astros, quando, derramando
A luz que nelles bebe,
Os astros vê nadando em novos lumes !

Que o diga a Primavera
Nos prados e nos montes,
Nos jardins, nas searas
Descuidada deixando cahir flôres,
E aparando teus versos no regaço.

Que o diga, em noite estiva,
A Lua melancolica,
Pallida — immovel — a chorar ternuras,
Ouvindo-te saudosa — enamorada
Uma canção de amores.

Que o digão essas brisas tão suaves
Que ao viajor cansado, em nossos bosques,
Refrigeram, deleitam, enfeitiçam,
Trazendo-lhe o aroma que desprendem
As flôres bafejadas por teu estro.

Que o digam a escutar-te, quando altisono
Nos narras inspirado
Dos livres os triumphos, gloria, e brios,
A liberdade rindo,
E o terror a tremer nas faces frias
Dos pallidos tyrannos.

Que o diga amor, e escreva
Nos trophéos que levanta,
Quando, tangendo as cordas
Da lyra de diamantes,
Rendidos corações arrastas presos
Nos grilhões de teu canto até seu solio.

Diga a mulher emfim, -- não a que nutre
Nos olhares ardentes de volupia
A chamma impura das paixões nocivas ;
Divindade fatal, de cujos templos
A razão a fugir ao crime entrega
As aras e o turibulo ;—mas a virgem,
A virgem, que descer dos céos á terra
Por escada de flôres vio o homem
No lindo sonho do dormir primeiro :
O anjo que no exilio acompanhava
O primeiro proscripto, e no pão negro,
Que lhe dera o peccado, transformou-lhe

C'um beijo em mel de rosa o fel das lagrimas :
A estrella, que, depois de conduzir-nos
 Por mares de delicias,
Onde afogados de prazer morremos,
 A vida nos restaura,
E de luz divinal n'um raio amigo
Nos embebe no seio o amor paterno.
Sim, que o diga a mulher, mas a perfeita,
A completa mulher por Deus formada,
Norma daquelle cofre que devêra,
Arca de salvação, guardal-o um dia,
E cuja cópia trasladaste em verso !

II

Eu não posso dizer o que é teu canto,
 Nem cantar-te louvores,
Si chamma etherea me accendesse o estro...
Si no meu coração vingasse ao menos
 Uma flôr de poesia...
Porém não vinga a flôr sobre o rochedo,
Não medra a chamma, nem se nutre o raio,
Nas cortadoras humidas montanhas
 De agglomerados gelos.

III.

Gratidão e amizade,
Que dentro em mim se batem neste empenho,
Podem muito, Moniz, porém não podem
De um trovista, qual eu, fazer poeta,
Poetar como tu, pará cantar-te !

Seja, pois, fraco e fido testemunho
De quanto por ti sinto
Este desejo que te envio.

IV.

Amigo,
Do riso e da afflicção me acarinhaste
Do esteril pensamento os peccos fructos ;
Zeloso Mestre, as trovas me lavaste
No limpido Jordão da clara mente ;
Amigo e Mestre, deixa que te chame !
—Amigo,—porque o és—minha alma o sabe ;
—Mestre,—porque me pede o enthusiasmo
Dizer-te como tal ; porque preciso,
Um nada como sou, do mundo ás portas,
Com o merito teu cobrir meu nome.

HEI DE, MARTYR DE AMOR, MORRER TE AMANDO

GLOSA

O facho do Elesponto apaga o dia,
Sem que aos olhos de Hero o somno traga,
Que dentro de sua alma não se apaga,
O fogo com que o facho se accendia.

Afflicta o seu Leandro ao mar pedia,
Que, abrandado por ella, a prece afaga,
E traz-lhe o morto amante n'uma vaga,
(Talvez vaga de amor, inda que fria).

Ao vêl-o pasma, e clama n'um transporte—
« Leandro !... és morto? !... Que destino infando
« Te conduz aos meus braços desta sorte? ! !

« Morreste!... mas... (e ás ondas se arrojando
Assim termina, já sorvendo a morte)
« *Hei de, martyr de amor, morrer te amando.*

É CARPIR, DELIRAR, MORRER POR ELLA (*)

GLOSA

**De uma ingrata em trophéo, despedaçado
Meu coração devora amor cruento,
Trocando em fero e barbaro tormento
Quantos prazeres concedeu-me o fado.**

**No seio d'alma, já dilacerado,
Negras furias do baratro apascento !
Filtra-me o delirante pensamento
De zelos negrô fel envenenado.**

**Desprezo, ingratidão, fria esquivança
Da cruel por quem morro, em tal procella
Apagárão-me a estrella da esperança.**

**E eu (ao confessal-o a dôr me gela)
Humilhado a seus pés, minha vingança
*E' carpir, delirar, morrer por ella.***

(*) Bocage.

SONETO

Geme, geme, mortal infortunado,
E' fado teu gemer continuamente :
Perante as leis do Fado és delinquente,
Sempre tyranno algoz terás no Fado.

Mas, para não ser mais envenenado
O fel que essa alma bebe, e o mal que sente,
Não te illuda o fallaz riso aparente
De um futuro de rosas coroado.

Só males o presente te affiança :
Encrustado de vermes charco immundo
Se te volve o passado na lembrança.

Busca, pois, o da morte ermo profundo :
Despedaça a grinalda da esperança :
Crava os olhos na campa, e deixa o mundo.

A UMA SENHORA

POR OCCASIÃO

DE TOCAR UMAS VARIACÕES SOBRE

THEMAS DE BELLINI

Dos meus lares, dos meus que choro ausente,
Me vieste acordar saudade impia,
Tu, amada do Anjo d'Harmonia,
Que te fazes ouvir tão docemente.

Do piano o teclado obediente
Ao teu tocar encheu-se de magia,
E lá dos mortos na soidão sombria
Operou-se um milagre de repente.

A morte sobre a fouce, entristecida,
Amarguradas lagrimas verteu,
Talvez do fero officio arrependida!

Bellini do sepulcro a pedra ergueu ;
E, cheio de alegria desmedida,
C'um sorriso de gloria um—bravo—deu.

Á SRA. MARIETA LANDA

POR OCCASIÃO DE CANTAR NO THEATRO DE S. JOÃO

Disseste a nota amena d'alegria,
E, arrebatado então nesse momento
De um doce, divinal contentamento,
Eu senti que minh'alma aos céos subia.

Disseste a nota da melancolia,
Negra nuvem toldou-me o pensamento ;
Senti que agudo espinho virulento
Do coração as fibras me rompia.

E's anjo ou nune, tu que desta sorte
Trazes o peito humano arrebatado
Em successivo e rapido transporte ? !

Anjo ou nune não és ; mas, si te é dado
No canto dar a vida, ou dar a morte,
(*) *Tens nas mãos teu Porvir, teu bem, teu fado.*

(*) Francisco Moniz Barreto.

A' MESMA SENHORA

Tão doce como o som da doce avena
Modulada na clave da saudade ;
Como a brisa a voar na soledade,
Branda, singela, limpida e serena ;

Ora em notas de gozo, ora de pena,
Já cheia de solemne magestade,
Já languida exprimindo piedade,
Sempre essa voz é bella, sempre amena.

Mulher, do canto teu no dom superno
A dadiva descubro mais subida
Que de um Deos póde dar o amor paterno.

E minh'alma, n'um extasi embebida,
Aos teus labíos deseja um canto eterno,
E, só para gozal-o, eterna vida.

Á MESMA SENHORA

Alcione, perdido o esposo amado,
Ao céu o esposo sem cessar pedia ;
Porém as ternas preces surdo ouvia
O céu, de seus amores descuidado.

Em vão o pranto seu d'alma arrancado
Tenta a pedra minar da campa fria ;
A morte de seu pranto escarnecia,
De seu cruel penar se ria o fado.

Mas ah !—não fôra assim, si a voz tivera
Tão bella, tão gentil, tão doce e clara,
Daquella que hoje neste palco impera.

Si assim cantasse, o tumulo abalára
Do bem querido ; e, branda a morte fera,
Vivo o extinto esposo lhe entregára.

A' BAHIA

I.

Se o trovador, que outr'ora,
Como filho querido, nos teus braços
 Amorosa apertaste,
De ti merece ainda uma lembrança,
Patria, querida patria da minha alma,
Terreno abençoado onde, aos milhares,
Prantos que derramei brotaram risos,
Recebe neste canto um reverbero
 Das chammas da amizade
Eterna que por ti arde em meu peito.

II.

Ao lindo sol da gloria, que teus campos
 Liberal fertilisa,
Minha primeira luz não deve os raios,
 Nem teus jardins me deram
Flôres com que adornasse o pobre berço ;
Lá das campinas tuas não medimos

Nem eu, nem socios meus, brincando alegres
Velocidade e forças
Na carreira e nas lutas esforçados ;
As mal pronunciadas
Preces minhas sumir-se no infinito
Não foram do teu céu, quando cansada
A Tarde no Occidente despe a purpura
Que o Nascente lhe deu, chamando-a — Aurora ;
Nessa hora, em que a briza da saudade
Suspiro da saudosa Natureza,
Com brando movimento agita as folhas
Extremas do arvored, os passarinhos
Volvem aos ninhos apressados vôos,
E dubia luz, com trevas misturada,
Pouco a pouco se esvae entre as cinzentas
Montanhas vaporosas ; nessa hora,
Em que todo o universo, extasiado
N'um culto involuntario,
Parece ver passar o Anjo do Tempo,
Que vai, guarda da terra, a Deos dar conta
Dos trabalhos diurnos ; nessa hora,
Em que a melancolia afaga os peitos,
Em que a alma se contrahe ouvindo a quéda
Do pó que mede a vida,
E, transido de magoa, o campanario
Deixa cahir as lagrimas metallicas
No sepulcro do dia.
Amei onde nasci. Essa esperança
Tão doce e feiticeira
Que na idade viril desponta n'alma ;
Essa idéa de fogo, onde releva
A mão da phantasia imagem de anjo
Que nos seduz e arrasta,

Tive-a no meu torrão. O mesmo astro
Que no berço me vio, vio meus amores.
O ameno Mon-Serrate, a fresca Barra,
O místico Bomfim não asylaram
Meus primeiros segredos de ternura ;
Essa historia de enleios toda guardam
Amigas margens do meu patrio Rio,
Que até no curso rapido desenha
 A rapidez das ditas,
Do gozo, do prazer que tive nella.
 O nascimento, a infancia,
 Os primeiros amores,
Não, não te devo a ti, terra querida ;
 Mas a divida immensa
Deste amor desvelado que me deste,
Sem temor de baixaza, me consente
 Chamar-te — minha patria.

III.

Quando, pela desgraça arremessado
No solo teu, sem nome, pobre enfermo,
Quasi a esmolar um pão, busquei teus filhos,
Illesos do desprezo que aos felizes
 A desgraça suggere,
 Irmãos, não só amigos,
Pais, não só protectores me abraçaram ;
 As portas da sciencia,
Que a chave da indigencia me fechára,
 Tuas mãos generosas
Abriram francas a meu livre ingresso ;
E avida almejavas ver-me o termo

Da difficil viagem,
Enxugar-me na frente illuminada
O suor da fadiga,
E a corôa de espinhos
Que a sorte me cingiu tornar de louros.

IV.

O Berço do nascimento,
Ou em palacio opulento
Trajando a gala real,
Ou cama de palhas feita
Onde a escrava o filho deita
Enrolado no sendal ;
O Céu que a primeira prece,
De tarde ou quando amanhece,
À criança ouvia rezar,
Quer puro, e ledó sorrindo,
Quer furioso bramindo,
Fuzilando a trovejar ;
O logar onde primeiro
O coração todo inteiro,
Amor dizendo, se abriu ;
Prado florente e risonho,
Ou valle escuro e medonho,
Que sangue humano tingiu ;
A patria, emfim, tem encantos,
Tão seductores e tantos,
Que não se pôde vencer !
E' uma visão divina,
Que a vida nos illumina,
E nos segue até morrer ;

Mas tambem o porto amigo,
Onde nos braços comsigo
A amizade nos levou,
E d'alma, toda chagada,
As feridas, consternada
Uma por uma curou ;
Onde dextas apertamos
Em que pasmados achamos
O calor só natural
Á chamma que o céu atêa,
Quando vêa, sobre vêa
Sente sangue paternal ;
Essa terra bemfazeja,
Inda que patria não seja,
Igual attractivo tem ;
E o estranho protegido
Póde, sendo agradecido,
Chamal-a patria tambem.

Lisonja, adulação, alcunhe embora,
O vulgo o puro amor que te consagre,
O culto que te rendo ;
Recebeste o meu pranto no teu seio,
Da fortuna engeitado perfilhastes-me,
Patria, teu filho sou, e assim te adoro.

A' MORTE DE JUNQUEIRA FREIRE

Do retiro claustral cysne sagrado
O vôo desprende!
Enchendo os ares patrios de harmonias
Cantou, depois morreu !

Mysterio ! — Ave creada entre os altares,
Acaso a turba impura
Do mundo com seu bafo envenenado
Abrio-te a sepultura ? !

Punindo-te o desprezo de seus lares
O Anjo de Sião
Por ordem do Senhor tão presto deu-te
A morte, em punição ? !

Preso o espirito, acaso, nas cadeias
Do voto eterno e forte
Teve, na luta acerba espedaçando-as,
Por liberdade a morte ? !

Mysterio ! — Respeitemos nesta campã
Decretos divinaes !
Sobre as cinzas do morto ao vivo toca
O pranto e nada mais !

Rei que fôra ! — Era um servo que devia
A vida ao Senhor seu !
Seu Senhor o chamou, a voz ouviu-lhe
E prompto obedeceu !

Duvidais do que digo ? — Erguei a campã....
Esse corpo o que é ? !
E negareis ainda que era um servo ? !...
Ahi tendes a libré !

Viveu como poeta, de poeta
Deixou o canto e a fama.
Inda no craneo morto tem—bem vêdes—
Do louro verde a rama !

Lêste-lhe a poesia? Eram arquejos
D'um coração afflicto !
De uma alma que ensaiava na materia
Os vôos do infinito !

Voou !... Cysne de luz, adeja livre
Máo grado a humanidade !
Os hymnos dos archanjos são seus hymnos
Seu mundo—a eternidade !

FRAGMENTO

AMOR PERFEITO

Seccou-se a rosa.... era rosa ;
Flôr tão fraca e melindrosa,
Muito não pôde durar.
Exposta a tantos calores,
Embora fossem de amores,
Cedo devia seccar.

Porém tu, amor-perfeito,
Tu, nascido, tu affeito
Aos incendios que amor tem,
Tu que abrazas, tu que inflammas,
Tu que vegetas nas chammas,
Porque seccaste tambem ? !

Ah ! bem sei. De accessas fragoas
As chammas são tuas agoas,
O fogo é agua de amor.

Como as rosas se murcharam,
Porque as aguas lhes falharam,
Sem fogo murchaste, flôr.

E' assim, que bem florente
Eras, quando o fogo ardente
De uns olhos que raios são,
Em breve, mas doce praso,
Te orvalhou naquelle vaso
Que, já foi meu coração.

Seccaste, porque esse pranto
Que chorei, que choro ha tanto,
De todo o fogo apagou.
Triste, sem fogo, sem fragoa
Seccaste, como sem agoa,
A triste rosa seccou.

Que olhos forão aquelles !
Quando eu mais fiava delles
Meu presente e meu porvir
Fazião crueis ensaios
Para ma'ar-me. Eram raios,
Tinham por fim destruir.

Destruiram-me : comtudo
Perdôo o pezar agudo,
Perdôo a pungente dôr

Que soffri nos meus tormentos,
Pelos felizes momentos
Que me deram nesta flôr.

Ai ! querido amor-perfeito !
Como vivi satisfeito,
Quando te vi florescer !
Ai ! não houve creatura
No prazer e na ventura
Que me pudesse exceder.

Ai ! secca flôr, de bom grado,
Se tanto pedisse o fado,
Quizera sacrificar
Liberdade e pensamento,
Sangue, vida, movimento,
Luz, olfato, sons e ar

Só para vêr-te florente,
Como quando o fogo ardente,
De uns olhos que raios são,
Em breve, mas doce praso,
Te orvalhou naquelle vaso
Que já foi meu coração.

DOUS IMPOSSIVEIS

Jámais ! quando a razão e o sentimento
Disputam-se o dominio da vontade,
Se uma nobre altivez nos alimenta
Não se perde de todo a liberdade.

A luta é forte : o coração succumbe
Quasi nas ancias do lutar terrivel ;
A paixão o devora quasi inteiro,
Devoral-o de todo é impossivel !

Jámais ! a chamma crepitante lastra,
Em curso impetuoso se propaga,
Lancem-lhe embora prantos sobre prantos,
E' inutil, que o fogo não se apaga.

Mas chega um ponto em que lhe acena o impeto
Em que não queima já, mas martyrisa,
Em que tristeza branda e não loucura
A' razão se sujeita e harmonisa.

E' nesse ponto de indizível tempo
Onde, por mysterioso encantamento,
O sentir á razão vencer não póde,
Nem a razão vencer ao sentimento.

No fundo de noss'alma um espectáculo
Se levanta de triste magestade,
Se de um lado a razão seu facho accende
Do outro os lyrios seus planta a saudade.

Melancolica paz domina o sitio,
Só da razão o facho bruxoleia
Quando por entre os lyrios da saudade
Do zêlo semi-morto a serpe ondeia !

Dous limites então na actividade
Conhece o ser pensante, o ser sensivel :
Um impossivel — a razão escreve,
Escreve o sentimento outro impossivel !

Amei-te ! os meus extremos compensaste
Com tanta ingratição, tanta dureza,
Que assim como adorar-te foi loucura,
Mais extremos te dar fôra baixeza.

Minh'alma nos seus brios offendida
De prompto a seus extremos pôz remate,
Que mesmo apaixonada uma alma nobre
Desespera-se, morre, não se abate.

Póde queixar-se inteira a felicidade
De teu olhar de fogo inextinguível,
Acabar minha crença, meu futuro,
Aviltar-me ! jámais ! E' impossivel !

Mas a razão que salva da baixaza
O coração depois de idolatrar-te,
Me anima a abandonar-te, a não querer-te,
Mas a esquecer-te, não, sempre hei de amar-te !

Porém amar-te desse amor latente,
Raio de luz celeste e sempre puro
Que tem no seu passado o seu presente,
E tem no seu presente o seu futuro.

Tão livre, tão despido de interesse,
Que para nunca abandonar seu posto,
Para nunca esquecer-te, nem precisa
Beber, te vendo, vida no teu rosto.

Que, desprezando altivo quantas graças
No teu semblante, no teu porte viu,
Adora respeitoso aquella imagem
Que d'ellas copiou na phantasia.

NÃO POSSO MAIS !

Não sei se é vida, porém sei que a morte
Terá de certo menos amargor ;
Só sei que a morte tem uma agonia,
E não sei quantas tenho nesta dôr !

Os olhos fecha quem a vida perde,
O bem perdido jámais pôde ver ;
Eu, morto n'alma, fitos os olhos tenho
No bem querido, que não posso ter.

Embora firam desgraçada victima
Ervados gumes de crueis punhaes,
As dôres cessam mal que chega a morte,
Sangue as feridas lhe não vertem mais.

Desta ferida nada o sangue estanca....
A dôr recresce mais, e mais pungente ;
Morta, minha alma para os jozozos todos,
Só vê que vive pela dôr que sente.

O céo perdôe a quem assim compensa
Os sacrificios deste coração ;
Porém a magoa me desvaira a mente :
Se não ha crime, como haver perdão ?

A fronte curva, delinquente altivo,
A fronte curva, não és mais que um réo ;
Teu bafo impuro, que o peccado alenta,
Accende o raio que te arroja o céo.

Perdão !.... mas seja para mim sómente,
Nesse olhar terno que o perdão exprime ;
Perdão te peço, Cherubim celeste ;
Pune o culpado, mas perdôa o crime.

Rôla do bosque, da innocencia ao ninho
Eu cego o verme da paixão levei-te ;
Anjo risonho, sobre a fronte lisa
A ruga acerba do scismar tracei-te !

Turvei-te a face, nebulei-te os olhos,
Cobri de espinhos o teu santo leito,
E da tristeza, que a minh'alma encobria
Parte dos goivos te lancei no peito

Mas Deos punio-me !.. Na sentença austera
Tu escrevias a primeira parte,
Quando a mim os fogos de Extremoso amante
Só respondias—Eu não posso amar-te !

Mas não bastava :—ao martyrio immenso
Dobrar devias a cruel tristura ;
N'um sim de amores que me déste um dia,
Um céu me abriste de fallaz ventura.

Mas presto nuvens o horizonte toldão,
De todo nellas a visão se esvahe,
E o cego doudo, que fitava os anjos,
De novo em trevas envolvido cahe.

Não ter-te, fôra já penar bastante ;
Perder-te, extremo de cruel penar !
Pensei que a pena se acabava nisto,
Mas inda tinha mais que supportar !....

Desprezo em troca de meu culto ; ás ancias
De minha angustia riso mofador,
De ti, daquelle a quem me sacrificas,
Para mostrar-lhe todo o teu amor.

Que a fronte calques, que por ti velando
Consome dias, noites sem cessar ;
Que a fronte calques, que desdenha o mundo
E varre a terra para teus pés beijar....

E' dura affronta, mas com essa affronta
Eu não me avilto, nem me desânimo :
E' nobre o solo que as rainhas pisam,
Chama-se solo convertido em throno ;

Porém que applaudas, que consintas outro,
Tambem calcar-me, escarnecer de mim....
Eu me não lembro que fizessê um crime,
Que merecesse ser punido assim !....

Estrella d'Alva de divina aurora,
Deixa-me em trevas, é destino meu !
Deos te dirige neste mundo os raios,
Tu não governas o clarão que é teu.

Não quero o riso desbotado e morno
De complascente, caridoso amor ;
De amor a planta quem a prova incauto
Morre do fructo, se não goza a flôr.

Deos de teus braços me recusa a dita,
Mudo a sentença soffrerei — sou réo ;
Banhei meus labios nos paúes do crime,
Beijar não posso Cherubins do céo !

Mas não mereço do escarneo o riso,
Mas não sou digno de desprezos taes ;
Se me não pódes destruir a pena,
Muda o tormento, que *não posso mais !....*

AS DUAS REDEMPÇÕES

AO BAPTISMO E LIBERDADE DE UMA MENINA

Inda uma vez tanjamos
A lyra, e mais um hymno
Consinta-me o destino
Erguer nos cantos meus ;
Que vá, de sons profanos
Despido e desquitado,
Em vôo arrebatado
Voando aos pés de Deus.

Da liberdade a estrella
No berço da innocencia
Derrama a providencia
De duas redempções ;
Mostrando um'alma limpa
Do crime primitivo
No corpo de um captivo
Que quebra os seus grilhões.

Que assumpto mais merece
Um hymno de poesia?
Que dia tem mais dia?
Que feito tem mais luz?
Do captiveiro um anjo
Quebrando infames laços,
A' cruz estende os braços
E os braços lhe abre a cruz.

Perfilha Deos o anjo
Na filiação da graça,
E o ser que o crime embaça
Punio a redempção!
E o homem, dissipando
Do berço insano aggravo,
Em menos um escravo
Abraça um novo irmão!

Que fôras, innocente,
Que fôras nesta vida,
Da escravidão perdida
No barbaro bazar! ?
Pobre rôla ferida
Da infamia pelo espinho,
Em que ramo, em que ninho
Te havias de aninhar?

Infante, sem affagos,
Temendo-te altiveza,
Querendo-te a vileza
Plantar no coração,

Dariam-te nos gestos,
Nas vestes, no aposento,
Na mesa, no alimento,
Sómente — escravidão !

Donzella (oh ! sacrilegio !)
Amor, qual flôr sem viço,
Mil vezes é serviço
Que féro senhor quer !
E' dôr que o fel requinta,
Que a impia sorte agrava
D'aquella que é escrava
Depois de ser mulher !

Se mãe (é mãe escrava !)
Quem sabe se verias
Teu filho mãos impias
Do seio te arrancar ?
E surdos ao teu pranto
Mandarem-te com calma
Do seio da tua alma
A outro alimentar ? !

Criança, mas sem veres
Da infancia as verdes côres,
Donzella sem amores,
Talvez alma sem Deus !
Não fôras arrastada
Da vida pelos trilhos,
Nem tu, e nem teus filhos
Serião filhos teus.

O' vós, que hoje lhe destes
O dom da liberdade,
Que junto á divindade
Matais a escravidão,
Ao trovador propicios
De acção tão excellente
Em culto reverente....
Guardai esta canção.

Eu sei que haveis guardal-a,
Que em tão santa amizade
Não vem a variedade
Deitar veneno atroz.
Sou vosso desde a infancia :
Da vida até o fim
Sereis tanto por mim
Como serei por vós !

SEPTENARIO POETICO

CANTO I

A Providencia, a cujos decretos nada
resiste, e de que não é licito mur-
murar.

(Carta do Imperador Alexandre da Russia.)

Das soberbas muralhas, tectos d'ouro,
Dos palacios zombando, sem susurro
Vôa o anjo que volve o mundo ao nada !
Com a dextra fatal lançando em terra
Thronos, sceptros, diademas e tiáras.
Sopram seus labios horridos venenos,
Que as flôres murcham da infeliz campina
Que o vio passar. A Napoles seu vôo
Furioso endereça, as azas bate
Sobre o throno, e de luto cobre o solio,
Na misera cidade levantando
Monumento credor de pranto eterno !
E lá jaz para sempre, lá repousa
Uma fronte real que inda ha bem pouco,

Cingindo aureo diadema, promettêra
Idades d'ouro dos Bourbons ao povo.
Inesperado golpe, caso infausto,
Quantos bens nos roubaste no futuro !...
Oh ! quantas esperanças destruiste....
Quanto pranto trouxeste !... triste sorte
Dos miseros humanos !... Illusores,
Magnificos phantasmas da esperança....
Vida, que és tu ? !... Caminho breve sempre
Do leito á sepultura ! Flôr que murcha
Quando mais odorosa nos parece.
E, além das illusões, chimeras futeis
De rapidos prazeres soçobrados
Em oceanos de angustias, que nos deixas ?....
O que resta de ti ?... Só a virtude !
Sim, que a virtude só zomba da morte.
E de pé sobre a lage do sepulcro
Do vivo para o morto um culto pede !
De lá, ó Isabel ! Teu Nome Augusto
De apotheoses mil cercado surge....
Elle as funereas trevas aguardava,
Para brilhar no céo, como rutilam
Nos céos os astros, quando a noite arroja
Seu manto opaco e negro sobre a terra.

Junto ás portas do céo arremeçaste
A tunica de carne, que trajavas
Da milicia da vida nos combates,
Como junto ao portal do alvergue amigo
Arremeça o guerreiro fatigado
As pesadas, inuteis armaduras,
Para gozar tranquillo e socegado

Somno de paz em leito abençoado
Por dextra paternal. A Gloria é tua !

Bem conhece a razão esta verdade ;
Mas zomba da razão da magoa a força ;
E, apesar da razão, medra a saudade !...
Quanto mais bella te divisa o mundo,
Mais deseja gozar-te, alma bemdita !...
Mais punge a tua ausencia o peito ausente
De Teus Filhos, Teus Netos e Teu Povo.
Ah ! lança lá do Céu a benção Tua
Sobre o mundo ; consola o mundo afflicto....
Faze que o céu nos dê valor, constancia,
Para os males soffrer que nos flagellam ! —
E, se lá do Emyreio minhas vozes
Gratas te são, acolhe meus suspiros !...
Inspira-me essas phrases lamentosas,
Com que de minha dôr modero as iras ;
Afina a lyra debil que votou-te
O Vate Brasileiro aos Regios Manes !

CANTO II

Elle est, elle est à Dieu.....

(*Harmonias Poeticas de Lamartine.*)

Isabel, que do mundo fugiste,
Tão brilhante, tão bella e tão pura
Como o sol do horizonte, deixando
Sobre o mundo cahir treva escura ;

Isabel, que do mundo fugiste
Como foge louçã Primavera,
Permittindo que o Inverno desbote
Vastos campos que verdes fizera ;

Isabel, que do mundo fugiste
Como foge dos ares no véo
Bello Iris, que aos homens declara
A alliança da terra e do céu ;

Se da noite rompendo os negrumes
Torna o sol no horizonte a nascer,
Com a volta trazendo os prazeres
Que, morrendo, fizera morrer ;

Se voltando a gentil Primavera
A' natura dá forças, dá vida,
Que perdêra de frio gelada
Do inverno na capa envolvida ;

Se do Iris a côr tão mimosa
Para sempre se não desvanece,
E depois de nos céos se perder,
Outras vezes nos céos apparece....

Iris, Sol, Primavera Gentil,
Vem de novo na terra brilhar :
Tua angusta presença dá vida,
Tua ausencia nos pôde matar☛

Vestem noite teus filhos, teu throno,
Traja noite teu povo tambem ;
Chovem prantos dos olhos de todos,
Nem verdumes os campos já tem !

Iris, Sol, Primavera Gentil,
Vem de novo na terra brilhar :
Tua augusta presença dá vida,
Tua ausencia nos póde matar !...

Bellas flôres murcharam tristonhas ;
Tem os troncos tristonho prospecto ;
Aguas turvas sem vida derrama
Na enlutada Campania o Sabeto.

Iris, Sol, Primavera Gentil,
Vem de novo na terra brilhar :
Tua augusta presença dá vida,
Tua ausencia nos póde matar !...

Mas, inuteis são preces aos mortos....
Nunca mais, nunca mais voltará
Cá dos homens ao reino infeliz
Quem no reino dos anjos está.

Ri-te, ri-te nos céos, alma sancta ;
Goza, goza eternal f'licidade !...
— Isabel deve rir-se na Gloria,
Deve o mundo chorar de saudade !!!... —

CANTO III

She went to meet her god.

(Elegia á Rainha Carolina de Inglaterra.)

1.º

De Isabel os restos jazem
Lá no recinto sombrio,
No seio da sepultura
Solitario, mudo e frio.
Lá descansa em somno eterno
A Mãe cheia de ternura,
A Rainha que a ventura
Fazia do povo Sen.
Tantas preces, tanto pranto,
Tantas supplicas de amor,
Nada, nada do Senhor
O decreto removeu.

2.º

Como juntos d'arvore sancta,
Que por impios derribada,
Entre os fructos macerados,
Jaz em terra desfolhada,
Choram aves que gozavam
Dos aromas exhalados
Das flôres, dos sazoados
Bellos pomos que brotou ;

Saudosas daquella sombra,
Que do sol na intensidade,
No rigor da tempestade
Os seus dias abrigou.

3.º

Isabel, assim a gente
Que viveu tão feliz vida,
Pela sombra do Teu manto
Breves tempos acolhida,
Que o aroma das virtudes
De tua alma desfructára,
Que nos teus filhos depára,
Do seu Deos sancta benção ;
Vendo junto dos Teus manes
Tuá prole lacrimosa,
Afflicta, geme chorosa
Na maior consternação.

4.º

Chorai, ó povos! chorai!...
Com vosso pranto fazei
Conhecer ao mundo inteiro
Quanto amais ao vosso Rei !
Mostrai-vos gratos a quem
De vosso bem se incumbio,
Que comvosco repartio
Seu pensar e seu viver.

Livre deixai esse pranto,
Que o semblante vos inunda,
Da Rainha sem segunda
Na sepultura correr.

5.

Chorai, que vos acompanha
Do bronze o sagrado som,
Porque o bronze tambem chora,
Quando morre algum Bourbon ;
E cá deste meu Brazil,
Onde, cheia de candura,
De virtudes, de doçura,
De Isabel vive Uma Flôr,
Com elles irão juntar-se,
Transpondo distancia tanta,
Os tristes versos que canta
Brazileiro Trovador.

CANTO IV

Quem como tu, alma angelica !

(Panegyrico da Rainha Maria I de Portugal.)

De novo minhas lagrimas queridas
Dos meus olhos correi em liberdade !...
Vinde aplacar as dôres das feridas,

Que da morte alegrando a impiedade,
Me quiz fazer no intimo do peito
O farpão penetrante da saudade.

Comvosco, só comvosco me deleito,
Porque sois as sensiveis companheiras
Do mortal que não vive satisfeito....

De meus olhos correi, correi ligeiras !...
Molhai da minha lyra as cordas tristes,
De minha dôr cansadas pregoeiras !

E vós, ó Natureza ! que me ouvistes,
Erguer o sonoro alegre canto,
Quando de alegres cantos me incumbistes ;

Se agora do pezar me cobre o manto,
Guardai no vosso seio piedoso
As gottas crystallinas do meu pranto !...

Impio, cruel decreto, rigoroso
Nos vassallos e reis, fatal, ferino,
Roubou-nos um presente precioso....

Que ao mundo offertára o Ser Divino.
Feliz ! feliz mil vezes quem pudesse
Arrançar-o do livro do Destino !!!

Por elle d'entre nós desaparece
Um ser, dos Cherubins cópia fiel,
Que rival em virtudes desconhece.

Por elle, na saudade mais cruel
Nos deixou, e cahio na sepultura,
No reino dos finados.... Isabel....

Oh ! lei inexoravel ! sorte dura !...
Extinguio-se tão cedo desta sorte
Das mãos do Creador obra tão pura !

Quem pôde comprehender o poder forte
Com que, do céu zombando impunemente,
Tudo quanto Deos cria extingue a morte ? ! !...

A natureza inteira o golpe sente
Do seu terrivel braço ; tudo chora
Debaixo de seu gladio impaciente.

Do universo rispida senhora,
O mundo, como fera insaciavel,
Pela boca dos tumulos devora !...

Oh ! vida triste.... vida miseravel !
Julgada pelo Céu enfurecido
Como crime de morte imperdoavel !...

Mas a luz da razão tenho perdido....
Oh ! Céu ! até que ponto me arrebatava
De meu pezar o impulso desmedido ? !...

Suspende, creatura ! a voz recata !...
Que do Céu os designios soberanos
Soberba e loucamente desacata !

Oh Isabel ! que longe dos humanos
Contas na mais completa f'licidade
Annos por dias, seculos por annos !...

Perdôa se offendi a Magestade
De Teu Deos, maldizendo Seus decretos,
Perdôa meus queixumes indiscretos !...
Tudo foi um delirio de saudade !

CANTO V

Aquella noite sempiterna
Cruel, acerba e triste
Que tu..... viste.

(Floresta de Bernardes.)

De luto vestidos os campos estão,
Envolve as cidades das trevas o véo,
A lua não brilha, as outras estrellas
Sómente povôam a face do céo.

Ninguém se recreia no triste silêncio,
Na paz, no sossego d'esta solidão;
Só eu gosto d'ella, por ver no seu rosto
Descrito o retrato do meu coração.

Comtigo me alegro, comtigo meu peito
Combina contente, ó noite sombria!...
Do dia não gosto; o sol me aborrece:
Nas noites encontro melhor poesia!

O' tu, minha lyra, me dize: não é
Da noite no seio mais bello teu som?...
Teus meigos suspiros, teus ais, teus gemidos
Não tem outra vida, não tem outro tom?...

O mundo inquieto, no estrondo que faz,
Succumbe teus échos, suffoca-os no ar:
Em seu labyrintho, confuso de dia,
Por mais que lhe falles, não quer te escutar.

Mas quando nas horas remotas da noite
Escuta acordado teu som seductor,
Ouvindo soluços, que dizem saudade,
Que dizem queixumes, que dizem amor....

Qual peito sensível resiste ao poder,
A' doce magia que o vem penetrar?...
E quando termina o toque divino,
Não quer ansioso que torne a voltar?!...

Oh minha adorada ! meu bem ! minha lyra !
Passar não deixemos tão doces momentos !..
Ah ! leva em teus sons ao reino ditoso
As tristes idéas de meus pensamentos !...

Com elles, meus versos, velozes voai !
Aos astros dissei meu mal tão cruel ;
Dos astros parti á santa morada,
Humildes beijai os pés de Isabel.

Mas, louco ! não vês que a lyra tangida
Por dextra tão fraca não póde soar
Vozes tão sonoras e tão duradouras
Que possam da terra aos astros chegar ? !...

Que as tristes endeixas, que os cantos humildes
De um vate mesquinho tal força não tem ?...
Que ao céo voam cantos dos bardos celestes,
Que aos bardos da terra só terra convem ?...

Porém, se não podem as vozes da lyra
A par de meus cantos á gloria chegar,
Tu, alma celeste, dos anjos encanto !...
Bem pódes na gloria meu canto escutar !...

Escuta, portanto, meus hymnos saudosos,
Meus hymnos sem flôres, sem ostentação :
Com elles recebe na santa morada
Um culto sincero do meu coração !...

VI

Una ave sola
Ni canta ni llora.

(Lamentaciones del Solitario).

Na primavera da vida
Vio o mundo, sobre o throno,
Isabel apparecer
Tão pura como a innocencia,
Tão bella como o prazer.

Sua alma não era humana,
Era um anjo, que do céu
Todas as graças vestia ;
Seu corpo templo sagrado,
No qual o anjo vivia.

Mas o brilho d'esse templo
O tempo, sempre inconstante,
Pouco a pouco destruiu ;
Sua bella architectura
A ruinas reduzio.

O anjo, que vio cahido,
Em terra desmoronado,
Seu asylo encantador,
Foi buscar outra morada
Na mansão do Creador.

Lá ficou, e para sempre !
E o tempo, algoz cruento,
Só a destroços votado,
Vai consumir as rúinas
Do edificio sagrado.

E a cinzas reduzir
Aquella que vio o mundo
O regio sceptro reger,
Tão pura como a innocência,
Tão bella como o prazer.

Mas que importa? póde o tempo
Pela morte auxiliado,
Sua existencia ferir ;
Hade lá na sepultura
Os seus restos consumir.

Porém triumpham do tempo
Suas heroicas virtudes ;
Isabel vive na gloria,
Isabel viverá sempre
Do universo na memoria.

CANTO VII

She is no more, but her
memory will last for ever.

(*Vida de Lady Kutington*).

Potentados soberbos ! vinde, vinde
Ver um quadro sublime,

Onde lampeja a gloria da virtude,
E se aniquila o crime !

Isabel sobre o leito d'agonia
Saúda a eternidade,
Que assentada nos tumulos apaga
A luz da magestade....

Instante acerbo, que ao tyranno causa
Desusado terror,
Porque vai baquear, cahir do throno,
Aos pés de seu Senhor !...

Por ver que no sepulchro se evaporão
Seus queridos emblemas,
Seus mantos, seus palacios e seus thronos,
Seus sceptros, seus diademas ;

Porque vê, como um astro ensanguentado
Em céu ennegrecido,
Sua alma afflicta divagar da morte
No lar desconhecido !...

Instante acerbo, em que para consolo
Nem mesmo os olhos seus
Podem por um momento só fixar-se
Sobre os olhos de Deus !...

E com razão bastante contemplal-os
Não pôde o infeliz :
Seus crimes são horrendos, Deus é justo,
E Deus é seu Juiz ! ! !....

O anathema do céu parece ao triste
Do sacerdote a benção,
E o rosto volta, procurando afflicto
Fugir da maldição!

Isabel vê tranquilla da existencia
O ultimo raiar ;
Nesse instante solemne nada pôde
Sua alma perturbar !

A lembrança do throno, que perdia,
Não a pôde affligir ;
Pois lá da sepultura um novo throno
De gloria vê surgir.

Não é uma rainha que prostrada
Do solio cahir vai ;
E' a filha feliz que alegre vóa
Aos braços de seu pai.

Nem sequer uma idéa criminosa
Lhe mancha o pensamento,
Que, fixado no céu, tranquillo espera
O ultimo momento.

As costumadas preces de seus labios
Ao céu iam parar,
E do céu lhe trazião santas graças
Que a vinhão consolar.

Lagrimas verte ; mas quanta virtude
Expressa pranto tal ? !...

**Exprime de seus filhos e do povo
Saudade maternal.**

**Das azas de sua alma uma só penna
Ao mundo estava presa ;
Que dos filhos no peito segurava
A mão da Natureza !**

**Despegou-se afinal, vôou da terra
Ao céu leda e serena,
Para o céu nos levou prazer comsigo,
Deixou do mundo a penna.**

**Só restos insensíveis nos ficaram
D'aquelle ser benigno ;
Só este bem nos deixou na terra
O anjo do destino ! ! !...**

**O' povos ! collocai-o n'um funéreo
Eterno monumento :
Que a vossa gratidão declare aos seculos
O seu merecimento.**

**Esta inscripção gravaem letras d'ouro
No regio mausoléu :
« Seu corpo tem alatre cá na terra,
« Sua alma lá no céu !... »**

**AO OCTAGES MO SEGUNDO ANNIVERSARIO DO ILLM. SR.
JOÃO ANTONIO DA TRINDADE, NO DIA 26 DE MAIO
DE 1859, PELO SEU AFILHADO DR. LAURINDO JOSÉ
DA SILVA RABELLO.**

**Ora de rosas, ora de cyprestes,
As horas da existencia corôadas,
Voão nas azas do voluvel Tempo,
Lentas algumas, outras apressadas.**

**Mas, na marcha que levão, signaes deixão
De uma vjda constante ou transitoria :
Umás do esquecimento engole o pego,
Outras medrão nos campos da memoria.**

**Ahí frondosas arvores florentes,
Ou mausoléos que a dôr tem levantado,
São os fructos que colhe uma alma attenta
Quando vaga nos mundos do passado !**

**Dahi vem que o espirito, voando
Do passado na vasta immensidade,
Ergue ás vezes um hymno de alegria,
A's vezes chora um pranto de saudade !**

Bem vinda sejas, hora sacrosanta
Das raras festivaes—bem vinda sejas!
Oh! nunca a nuvem negra do desgosto
Offusque a luz divina que dardejas!

Annos oitenta e dous ha, que do mundo
Vio feliz a primeira claridade
Um ente, em quem prudencia, brio e honra
Se juntarão, formando uma— TRINDADE!

Despido de braços, nobre na essencia,
De elevado sentir, modesto e puro,
Fazendo do trabalho o seu destino,
Arrancou de si mesmo o seu futuro!

Disse—sou homem! — trabalhou, e fez-se!...
Sé achou tropeços, fez em mil pedaços;
E sentindo-se, enfim, robustecido,
Piedoso ao afflicto estende os braços.

Se as corôas não tem d'esses pequenos
Que a fama como grandes apregôa,
As virtudes que brilhão-lhe na fronte
De certo que lhe dão melhor corôa!

E' grinalda do céu, de viço eterno,
Onde refulgem, qual celeste orvalho,
Os prantos do indigente agradecido,
As gotas do suor do seu trabalho!

Sús, vivente feliz, bemdiz teu fado,
Que o céu a teu favor se pronuncia ;
Para bem penetrar-te esta verdade,
Contempla um pouco o quádro d'este dia !

Como premio, já na vida,
Do teu honesto labor,
Deu-te Deos na terra um Anjo
Que te enxugasse o suor !

Um Anjo de caridade,
De candura e singeleza ;
Um Anjo, emfim, adornado
Com os dotçes de — THERESA !

Por annos tão numerosos
O Senhor tem conservado
O Anjo sempre contigo,
Tu sempre ao Anjo ligado !

Na tempestade e bonança
Sempre o par se conservou
Unido, como dous ramos
Que o mesmo tronco gerou !

Que nunca se perturbe a paz tranquilla
D'este Par tão ditoso !
Que seja o Filho, qual tem sido sempre,
Uma cópia do pai ; e immensòs annos
Se renove este dia
Que nos enche de gloria e de alegria !

AOS ANNOS DE MINHA MADRINHA

A EXM. SRA. D. THERESA MARIA CAETANA
DA TRINDADE

Que importão annos? Uma flôr existe
Que, quanto mais por ella o tempo corre,
Mais seu aroma e seu verdor augmenta ;
Com o tempo revive, nunca morre.

E' a virtude, raio que no mundo
Do céu dardeja o sol da eternidade,
Em si bem como Deos o tempo encerra,
Annos não conta, nem augmenta a idade.

O homem que a contempla, embora viva
Seculos a contemplar-lhe a formosura,
Mais aroma lhe sente, e vê na fórmula
Mór garbo, mais belleza e mais doçura.

Não, as cans da velhiçe não enfeião
A fronte da matrona virtuosa ;
Diademade prata n'ella brilha,
Qual na da mocidade brilha a rosa.

Se a grinalda de rosas da donzella
E' bella por dizer graça e meiguice,
Exprime mais solemnes predicados
A corôa de prata da velhice.

Mostra uma virtude ainda nascente,
As galas, o trajar da juventude,
E a outra, corôa de triumphos,
Que ja colheu dos annos a virtude.

MOTE A PREMIO

As Potencias do Occidente,
Com as Aguias e os Leões,
Ou tomão Sebastopol,
Ou deixão de ser nações.

(PAULA BRITO)

GLOSA

Já de supportar cansado
Tanta injuria Moscovita,
Um povo acolá se agita
Da guerra soltando o brado !
Dos canhões do Rei mitrado
Retumba o echo imponente,
Que em defesa da innocente
Fracá, mas briosa terra,
Acorda, e convida á guerra
As potencias do Occidente.

Erão rivaes.... mas que importa !
Um povo heróe tudo esquece,
Se outro povo, que padece,
A defendê-lo o exhorta.

Não, cahir não hade a Porta,
Não hade rojar grilhões,
Não hade, que seus brazões
Vão defender com pujança
A Inglaterra e a França
Com as Aguias e os Leões.

Eil-as no campo da gloria,
Que com puro sangue lavão,
E cada lucta que travão
E' uma nova victoria !..
Da humanidade e da historia
Seguidas pelo pharol,
Jurão ambas pelo sol
Dos livres, em que se abrazão,
Que Sebastopol arrazão,
Ou tomão Sebastopol.

Hão de tomal-a !.. arrastada
Do autocrata a bandeira,
Ha de ser a pregoeira
Desta verdade sagrada :
« Quonções que pela espada
« Pretendem usurpações,
« Que, vis, escravos grilhões
« A's suas irmãs destinão,
« Ou como Troya terminão,
« *Ou deixão de ser nações.*

MOTE

IMPROVISADO EM UMA REUNIÃO PATRIOTICA QUE FESTEJAVO O DIA 7 DE SETEMBRO, ANNIVERSARIO DA INDEPENDENCIA DO IMPERIO.

·Na terra da Santa Cruz,
Que enlutava atroz maldade,
Já solta brilhante luz
O Pharol da Liberdade.

GLOSA

Que vejo ?.. a Russia tremendo
Sob despotica espada ?!..
Forte Hungria derrotada
Entre cadêas gemendo,
A Italia a fronte abatendo
Ante o fanatico juz?!..
Liberdade l.. se de luz
Precisas, responde, falla,
Aqui temos, vem busca-la
Na terra da Santa Cruz.

Famoso povo guerreiro,
Por nós hospitalizado,
Contra nós sem causa irado
Nos levou ao captiveiro !
Em seu jugo carniceiro
Chorámos longa orphandade !
Nossos campos, nossa herdade,
De cadaveres cobertos,
Erão funereos desertos
Que enlutava atroz maldade.

Mas nossos brios um dia
Contra os impios acordarão,
E os combates rebentarão
Entre nós e a tyrannia !
A estrella que conduzio
Colombo á terra da Cruz,
Que os grandes povos conduz
Ao templo da Liberdade,
Dos Andes na summidade
Já solta brilhante luz.

Ao seu divino clarão
Pedro, o filho d'essa terra
Que dispunha em nova guerra
Lançar-nos novo grilhão,
Acorda... fita a visão,
Toma a espada, o campo invade,
Embebe-a na claridade
Que da estrella se desprende,
E com ella accesa accende
O Pharol da Liberdade.

FRAGMENTO

SUSPIROS E SAUDADES

Depois de tantas perdas só restou-me
Na soledade,
Em que deixou-me a dôr, para consolo
Roxa saudade.

Esta flôr, tão esteril nos prazeres,
Quando em retiro
Quasi sêmpre do seio magoado
Brota um suspiro.

Achava estes súspiros e saudades
Encantadores,
Embora fossem flôres da tristeza,
Sêmpre erão flôres.

Demais, quem tem das ditas d'este mundo
Chegado ao termo,
Quem traz de ingratições e desenganos
O peito enfermo ;

Que tem com a flôr que ás almas venturosas
Do prazer falla ?
Que ao ver-lhe o coração trajando luto
Traja de galla ?

A tristeza que tendes, minhas flôres,
E' vosso encanto.
E como ereis formosas orvalhadas
Pelo meu pranto !

Mas seccastes tambem ? ! Faltou-vos agua ?
Demais tivestes.
Fogo ? Desde nascidas sempre em chammas
De amor vivestes.

Seccastes ? ! Com razão, que d'estas flôres
Certo não é
Verdadeiro alimento, agua nem fogo
Faltando a fé.

Vivem com fogo e agua, se dos prados
Nascem no chão ;
Mas não se flôres d'alma dentro d'alma
Nascendo vão.

Quando morta a f'licidade,
A fé expira tambem !
Saudades de que se nutrem ?
Os suspiros que alvo têm ?

Morta a fé, vai-se a esperança,
Como pois viver pudéra
Saúdade que não tem crença,
Saúdade que desespera ?

Onde as graças do passado,
Se altivo genio sanbudo
O scepticismo nos brada,
Foi mentira, engano tudo ?

Em nada creio do mundo :
Ludibrio da desventura
A felicidade me acena,
Só de um ponto — a sepultura.

Morrêrão minhas saudades,
E meus suspiros calados
Dentro d'alma pouco a pouco
Vão morrendo suffocados.

POESIA

OFFERECIDA AO SR. P. J. F. TORRES E A SUA SRA.
D. L. L. DA CUNHA TORRES

Por ocasião do baptismo de um seu filho, tendo a mesma
senhora servido de madrinha a um outro menino baptizado
na mesma occasião.

O fogo santo que dá vida á vida,
Chama-se amor ;
Botão de rosa, que o pudor defende,
Quando dous corpos este fogo accende,
Desabrocha em flôr.

Chorando sangue a virgindade foge,
E mais não vem :
Botão de rosa, no botão fechada,
Depois que a rosa foi desabrochada,
Vida não tem.

Prosegue o fogo, e faz que a flôr aberta
Murchando vá ;
Mas quasi sempre generoso amor
Em recompensa da perdida flôr
Um fructo dá.

D'esses fructos o mundo se povôa
Em sua immensidade ;
Formão elles o grupo da familia,
Os reinos, as nações, a maravilha
Chamada humanidade !

Feliz aquelle que feliz recolhe
O seu fructo de amor !
Que seguindo da lei divina o trilho,
Como filho de Deos vê no seu filho
Um filho do Senhor !

Feliz o que cumprindo um dever santo
A's santas áras vem,
Fazendo o mesmo que seus pais fizerão,
A Deos, como seus pais outr'ora o derão,
Seu filho dar tambem !

Felizes vós portanto n'este dia,
Em que da culpa o véo
Rasgando aos olhos de dous novos crentes,
Fizestes de dous anjos innocentes
Dous anjos para o céo !

Folgai, ó anjos, que o espaço é vosso,
A scintillar !
Vêde.... a estrella da graça se levanta !...
Ganhastes azas nessa pia santa....
Podeis voar !

Voar, meu Deus ? Defende-os das torpezas
Do mundo réo ;
Pela bondade que teu seio encerra,
Dá que estes anjos sem roçar na terra
Cheguem ao céu !

O DESALENTO

AO MEU AMIGO

LEOPOLDO LUIZ DA CUNHA

Quando eu morrer, minha morte
Não lamente, caro amigo,
Que o sepulcro é um jazigo
Onde eu devo descansar ;
A minha triste existencia
E' tão pesada, é tão dura,
Que a pedra da sepultura
Já me não póde pesar.

Uma lagrima, um suspiro,
Eis quanto custa o morrer ;
Custa-nos sempre o viver
Prantos, suspiros, sem fim !
Que tormento fôra a vida,
Se não fosse transitoria !?...
Não me risques da memoria,
Porém não chores por mim.

Enchem trevas o sepulcro,
Mas ninguem d'ellas se queixa ;
Quando o morto os olhos fecha,
Não quer luz, quer socegar ;
Aquelle fundo silencio,
Aquelle extremo abandono,
Dão-lhe tão profundo somno,
Que nem póde despertar.

Já tive medo da morte,
Agora tenho da vida ;
Sinto minha alma abatida,
Sem vigor o coração ;
Já cansado de viver,
Para a morte os olhos lanço ;
Vejo n'ella o meu descanso,
A minha consolação.

À MINHA TERRA NATAL

Adeos!... Vou procurar talvez um tumulo
 Longe do teu regaço.
Nunca me foste mãe, mas sou teu filho,
 Concede-me um abraço!

Abençôa-me! — Parto; dá-me a benção!
 Que ao filho desgraçado,
Mesmo o ser infeliz dá mais direitos
 A ser abençoado.

E's rica, eu nada tenho; mas ao nada
 Me soube acostumar;
Dispenso os teus thesouros, mas a benção
 Não posso dispensar.

Adoro-a, quero-a, sim; porque custou-me
 Asperrimo desgosto,
Torturas inauditas, conservar-lhe
 Sem manchas este rosto.

Quero de filial doce ventura
 Encher meu coração,
Revendo n'ella, filho abençoado,
 A minha filiação.

Nunca me foste mãe pelos carinhos ;
Ao menos um signal
Dá-me, dá-me de mãe, que sou teu filho,
Na benção maternal.

Adeos!... Perdôa se me queixô ; as queixas
Que exhalo em minha dôr
Offender-te não devem, que são filhas
De meu ardente amor.

Esses braços ao filho que se aparta
Estende por quem és,
Que o filho por teus braços abraçado
Abraçará teus pés!...

SAUDADES

Da saudade, bem amado,
Nesta ausencia tão distante,
Cada vez mais encravado
O espinho penetrante,
O coração socegado
Me não deixa um só instante.
Como do cahos primitivo
Surgio bella a criação,
Do cahos da minha tristeza
Da patria surge a visão !
Tenho saudades dos montes,
Dos ares, dos horizontes
Que á patria servem de véo ;
Saudades dos meus planares,
Saudades d'aquelles ares,
Saudades d'aquelle céo !
E' puro, mas com ser puro
Este céo me não convem ;
Que tendo tantas estrellas
A minha estrella não tem !
Muitas vezes a procuro,
Mas debalde ! . . . um ponto escuro
No seu lugar se fitou ;
Conheço e vejo a verdade :
Foi a nuvem da saudade,

Que a minha estrella apagou.
Sim, meu bem, brilhou a estrella
Sem rival nos brilhos seus,
Emquanto a luz recebia
Do lume dos olhos teus ;
Quando teus olhos ardentes,
Rutilando de contentes,
Ião-se nella fitar.
Hoje que estão desmaiados
Por prantos continuados,
Com seus sóes quasi apagados,
Como hade a estrella brilhar ?
Cada dia que se passa
Neste desgosto cruel,
Tem novo quadro a desgraça,
Tem a ausencia novo fel.
Mais compunge o peito anciado
Esse espinho envenenado,
Que a saudade me cravou ;
E a dôr me tem convencido
Que do espinho introduzido
Novo espinho se gerou.
Eu o sinto, quando estreito
Nos meus transportes de dôr,
Sobre os labios, sobre o peito,
O meu talisman de amor ;
O meu fiel companheiro
E talvez o derradeiro
Presente de amor, de ti,
Na hora da despedida
Em que tudo (excepto a vida
Para chorar-te) perdi !

Se d'alma a essencia celeste
 Pudesse ser transmittida,
 O retrato que me deste
 Não fôra um corpo sem vida ;
 Que, ao vê-lo, minh'alma ardente,
 No transporte mais vehemente,
 Sente ao semblante subir,
 E nos olhos condensada,
 Em lagrimas transformada,
 Sobre o retrato cahir.
 Aos tormentos que já sobrão
 Novos reune a saudade ;
 Os seus negrumes redobráo
 As sombras da soledade.
 Na mente a imagem se agita
 Dessa ventura infinita
 Que junto a ti desfructei,
 Em quadros tão seductores,
 Quaes nunca dos meus amores,
 Nem nos sonhos divisei.
 O amor com que me abrazas,
 Então não posso dizer !
 Da saudade sinto as azas
 No coração me bater ;
 E contemplando os espaços
 Que te roubão aos meus braços,
 E que não posso transpor,
 Perco a luz, e desmaiada
 Cahe-me a fronte atordoada
 Pelos combates de amor !
 Assim passo em tua ausencia,
 Eis qual é o meu viver !

Melhor que tal existencia;
Mil vezes fôra morrer,
Se não tivesse a esperança
Que venturosa bonança
A' tormenta porá fim ;
Se não tivesse a certeza
Que me adoras com firmeza,
Que não te esqueces de mim.

EPISTOLA

AO AMIGO PAULA BRITO

Si d'essa nobre Irmã, que as mais domina,
Que de gála e de pompa revestida
Magestosa nos ares se reclina ;

De tudo quanto ha bello enriquecida,
Coberta pelo azul de um céo brilhante,
De sempre verdes prados guarneçada ;

Cujos porticos guarda vigilante
De dia e noite immovel sentinella,
Um disforme e grandissimo gigante ;

Que tão soberba em fórma se revela,
Como amavel no trato hospitaleiro
Com que abraça a quem vive á sombra d'ella ;

Si d'esse patrio ninho, onde primeiro
Vimos ambos a luz, inda é lembrado
D'aquelle solo o filho derradeiro ;

Ou se em todas as mentes apagado,
Pelo buril eterno d'amizade
Seu nome inda na tua está lembrado ;

Recebe nesta um culto de saudade,
De affecto, e d'esse affecto que termina
Onde encontra seu termo a eternidade ;

D'esse affecto do céo, que não fascina,
Sol brilhante nos dias de ventura,
Nas dôres, da desgraça medicina ;

No que te digo vai verdade pura ;
As linhas que te escrevo, Brito, amigo,
São allivios á dôr que me tortura !

Aqui, por mais que busque, não consigo
Ter por minha de tantas uma hora
Igual áquellas que passei contigo !

Tedio enfadonho tudo me descora ;
Marca-me o tempo lentamente a vida,
Que aos outros entes rapido devora !

Parti... e, nessa hora da partida
(Não sei se foi meu corpo, se minh'alma),
Porém um fez do outro a despedida !

Dizem que com o tempo a dôr se acalma ;
Mas o amante, a quem tal bem succede,
Ao verdadeiro amante ceda a palma.

Quando a vista anciosa o espaço mede,
E a imagem divinal do bem perdido
Em vão à terra, ao mar e aos astros pede ;

Quando, de perda infausta convencido,
Chega a crer que partio, a crer n'ausencia,
Que já não tem presente o bem querido ;

Quando, cedendo à força da evidencia,
Nem lhe resta uma nuvem de esperança
Para os olhos vendar da consciencia ;

Não é de certo um tempo de bonança !
Longe a certeza acorda a tempestade,
Que perto sobre a duvida descança !

E quanto mais conhece-se a verdade,
Mais funda, mais pungente e mais dorida,
Se vai abrindo a chaga dá saudade !...

E' esta aqui, meu Brito, a minha vida !
Nem exagera a penna meu tormento,
Em poeticas tintas embebida !

Tenho n'alma um cruel presentimento
(Talvez não mui remota prophécia
Que não posso apagar do pensamento!)

Espero cedo o meu extremo dia ;
E a morte, da patria tão distante,
E' quadro que me abate de agonia !

A saudade tornou-me tolerante !
Que importa, ser da patria desprezado ?
Serei sempre da patria filho amante.

Se outr'ora, contra ella conspirado,
Os males que me fez lancei-lhe em rosto,
Hoje tudo lhe tenho perdoado.

Dos lances em que a sorte me tem posto
Esquecido, o desgosto de não vê-la
E' dos desgostos meus maior desgosto !

Ah! que não fosse a hora de perdê-la,
A hora em que parti !... O Sul formoso
E' bello, bemfazejo, é lar ditoso :
Mas eu tenho no Norte a minha estrella !

BANDO

FEITO COM O FIM DE CONVIDAR O POVO BAHIANO A CELEBRAR O DIA 2 DE JULHO COM POMPA

**Eia, Bahianos, raiar
Vai na terra do Cruzeiro
Esse dia tão jucundo,
Que, apesar de ser segundo,
Ha de sempre ser primeiro !**

**Não deixeis despercebido
O rei dos dias passar,
Mostrai que não sois escravos,
Mostrai que o dia dos bravos
Inda sabeis festejar !**

**Se o miserrimo que soffre
Da escravidão os rigores,
A's vezes repete a historia
Dos seus passados de gloria
Nas senzalas dos senhores ;**

**Nós livres, a quem escravos
Inda não pôde fazer
O furor do despotismo,
Nossos feitos de heroismo
Não devemos esquecer.**

Não devemos esquecer
Esse dia, a cuja luz
O deos dos Americanos
Escreveu — morté aos tyrannos —
Nos braços da Santa-Cruz.

Esse dia que provou
Com solemne magestade
Ao vil tyranno atrevido,
Quanto pôde um povo unido,
Quando grita — liberdade —

Com as fronte coroadas
De louros vamos cantar
Hymnos aos fortes soldados,
Que valentes, denodados,
Nos souberão libertar.

Todos os odios se esqueçãõ,
Demo-nos todos as mãos,
E empenhemos nosso orgulho
Em festejar dous de Julho,
Em um banquete d'irmãos !

Nem receieis que algum braço,
Que para nos esmagar
Occultamente trabalha,
Da nossa mesa a toalha
Venha com sangue manchar.

Não, que tem a liberdade
Seus amores n'este dia,
E, temendo às iras d'ella,
Se atormenta, se arrepella,
Mas não falla a tyrannia.

Comece pois o festim,
E nas galas sêm rival
Entre as ledas comitivas,
Impellido pelos vivas
Rode o carro triumphal.

Saia á noite, que não hade
Cobri-lo da noite o véo;
Brandões hão de illumina-lo,
De luzes hão de banha-lo
Os candelabros do céo !

Nelle do dia dos livres
Veja o formoso arrebol,
Essa cabocla engraçada
Que tem a face tostada
Dos beijos que dexa-lhe o sol !

E quando voltar dirão
Com toda a gente os louvores,
O mar por canhões bradando,
Os ares vivas troando,
A terra brotando flôres !

Seja então tudo prazer,
Tudo sonoras canções,
Tudo banquete de bravos,
Tudo remorsos de escravos
Que inda desejão grilhões !

Eia, Bahianos, raiar
Vai na terra do Cruzeiro
Esse dia tão jucundo,
Que, apezar de ser segundo,
Hade sempre ser primeiro.

Não deixeis despercebido
O rei dos dias passar,
Mostrai que não sois escravos,
Mostrai que o dia dos bravos
Inda sabeis festejar.

IMPROVISO

NA OCCASIÃO DE VER TERRAS DO RIO DE JANEIRO,
VINDO DA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL

Despe as nuvens que te encobrem
Sol da minha flicidade,
Que abre a flôr dos meus prazeres
Santo orvalho da amizade.

Respiro os ares da patria,
Contemplo os encantos seus ;
Os meus contentes me abração,
Eu contente abraço os meus.

Meu Deos, meu Deos, não consintas
Que a patria torne a deixar ;
Que da segunda ferida
Talvez não possa escapar !

Se no intimo a primeira
Ferio-me d'alma a raiz,
Bem pôde inteira corta-la
Segunda na cicatriz.

Completa a cura, não deixes
De novo o mal renascer ;
Que amarga mais que a desgraça
A negação do prazer.

Não succeda á cruz rojada
Mais pesada nova cruz,
Não condemnes mais ás trevas
O cego a quem deste a luz.

MOTE

« *Um pensamento de morte,*
« *Uma lembrança de amor,*
« *Uma esperança perdida,*
« *Eis o que faz minha dôr!...*»

GLOZA

Tive no mundo da mente
Formosos dias serenos,
Como os do céu sempre amenos
Em doce paz innocente.
Dos desgostos a torrente
Em um rapido transporte,
Por mávontade da sorte,
Me fizerão n'um momento
Do meu feliz pensamento
« *Um pensamento de morte!*»

A minha alma escureceu-se
Do pensamento nublada,
E a mente desnorteada
Em negro caos converteu-se!
Um mar de pranto—estendeu-se

N'aquelle mundo de horror ;
E no medonho fragor
Da tormenta desabrida
Vaga nas ondas, perdida,
« *Uma lembrança de amor !* »

Cresce a celeste batalha,
E na vasta escuridade
Sem cessar, da tempestade
O raio o manto retalha.
A fluctuante mortalha
Vaga sempre ! Convertida
Aquella idéa de vida
N'um sudario d'esta sorte,
Retraça, emblema da morte,
« *Uma esperança perdida.* »

Em pé, firme e solitária,
Minh'alma fôra insensível
A' tempestade terrível,
Continua, crescente e vária!...
Mas a veste mortuaria,
Que das ondas vai na flôr,
Mortalha do meu amor,
D'antes saudosa lembrança,
Hoje perdida esperança...
« *Eis o que faz minha dôr !...* »

AO DIA DOS FINADOS

FRAGMENTO DOS TUMULOS

I

Um dia para os mortos, se é que o dia
Nos tumulos penetra.
Entre tantos de riso um só de pranto
Seja sagrado ás lousas
Fechadas pela morte, e onde seu sello,
Segunda morte grava o esquecimento.

II

Terra de mortos, deixa que te pisem
Os pés dos vivos, deixa ; no teu reino
Pedacos d'alma dos que vivem dormem.
Entre os cirios funereos
Arde tambem amor, geme a saudade.
Mãi extremosa, os restos seus recebes
Quando do mundo inteiro abandonados
Vêm no teu leito procurar descanso.

O pai idolatrado
A ti confia o orphão ;
Entrega-te seu filho a mãe querida ;
Os irmãos, os amigos
Seus irmãos, seus amigos, te entregarão :
Um dia, ao menos, querem vê-los : — Cede,
Pois tens tudo o que é seu.

III

Um espirito unico
Desgraçado daquelle que só teve
Quando peregrinou por estes lares !
O triste foi um tronco sem raizes
Que aos impulsos da sorte foi tombando.
Té que por fim cahio na eternidade.
Nem ha na especie humana
Infeliz tão bastardo da ventura,
Que tão ermo ficasse sobre a terrá.
E' uma planta só a humanidade :
Por mais extremo que lhe seja um ramo,
Pela seiva commum é sustentado,
E a cicatriz, que fica se o decotão,
Da vida que se foi narrando a perda,
Da vida que ficou narra a saudade .

IV

Terra de mortos, deixa que dos vivos
As almas se dilatem ; frias cinzas
Animar-se não podem ; mas são ellas

Quinas dos edificios abatidos
Que o espirito só e Deos conhecem.
Deixa-los divagar n'essas ruinas,
Que são dominios seus. — A terna ave,
A quem a companheira arrebatarão,
Deixa, ao menos, voar em torno ao ninho.

V

Podeis entrar fieis. — Que o pó do mundo
Vos não venha nos pés. — Quanto é da vida,
Tudo estranho é aqui ; a gala é obito ;
O banquete são preces : Deos reparte
O pão espiritual que o sacerdote
Prepara nos altares ;
São convivas os mortos, que recebem
Tambem com elle
O sangue sacrosanto, que enfraquece
Da punição o fogo. — Frageis lagrimas,
Ah ! do mundo não são, tanto que o mundo
Não as quer nem conhece.

VI

Entremos.... Mas.... O nivel dos sepulcros
Não vejo aqui ! !... Marmoreos monumentos
Aqui, alli se erguem, distinguindo
O pó do pó que a morte confundira.
Illusão pueril ! E' cinzas tudo !
Só diverge a morada no aspecto :
Os donos são iguaes .

HYMNO

QUE OS MENINOS CEGOS CANTARÃO NA OCASIÃO DA
DISTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS EM 1863

CORO

Gloria aos anjos^{*} que, firmando
D'este imperio a monarchia,
Contra as iras d'anarchia
Do seu throno a gloria são.

1º CANTO

São duas virgens^{*} formosas,
Cujos sublimes destinos
Nos rostos quasi divinos
Bem retratados estão.

Gloria aos anjos que, firmando, etc.

* SS. AA. as Princezas Imperiaes.

Inda que cegos nem vê-las
Por um momento possamos,
E' assim que as desenhemos
Em nossa imaginação.

Gloria aos anjos que, firmando, etc.

Firmes e ledas na vida
Caminhão da gloria ao templo,
Guiadas pelo exemplo
Que os Pais Augustos lhes dão.

Gloria aos anjos que, firmando, etc.

O perfume da innocencia
Que das flores d'alma exhalão
Quando riem, quando fallão,
Avassalla o coração.

Gloria aos anjos que, firmando, etc.

Quem as ouve, embora a mente
Ao throno se não remonte,
Curva os joelhos e a fronte,
Para beijar-lhes a mão.

Gloria aos anjos que, firmando, etc.

E nós, cegos infelizes,
Quando a dextra lhes beijamos,
Dentro d'alma suffocamos
Um pranto de gratidão.

Gloria aos anjos que, firmando, etc.

2º CANTO — *Supplica*

Tu, Ser no qual dos seres
Sómente o ser consiste !
Que E's ser de quanto existe,
Se nutre e reproduz ;
Se para a luz nascemos,
Depois da luz creados,
Eis-nos aqui prostrados !
A luz, Senhor ! A luz !

A luz, dadiva immensa,
Bella, sublime, santa,
Que déste á terra, á planta,
Ao bruto, aos bons, aos máos !
As nossas mãos tacteão
Abysmo negro e fundo ;
Aos outros déste o mundo,
A nós sómente o cáhos !

Mas Tu E's Ser dos seres
Em quem o ser consiste ! !
E's Ser de quanto existe,
Se nutre e reproduz ;
Se para a luz nascemos,
Depois da luz creados,
Eis-nos aqui prostrados !
A luz, Senhor ! A luz !

3º CANTO — *Visão*

Silencio ! As trevas desbotão
Seu carregado negror ;
Vai pouco a pouco surgindo
Matutino resplendor.

Por entre nuvens de purpura
Assoma visão celeste,
Real aspecto mostrando
No ar, na fórma e na veste.

Cinge um manto, um sceptro empunha,
Que um dragão tem por emblema ;
Vinte estrellas-sóes flammejão
No circ'lo do seu diadema.

Na dextra suspende um mundo :
Mais vigoroso que Atlante,
Firma os pés, apoia o sceptro
Sobre o dorso de um gigante.

A claridade que o cerca
E' seu olhar que a produz ;
Não vê sómente, dá vista ;
Não tem só, diffunde a luz.

D'essa luz illuminados,
Com pasmo e prazer profundo,
No vulto reconhecemos
Nosso Pai — Pedro Segundo.

4º CANTO — *Alegria e agradecimento*

Do corpo os olhos mortos,
Senhor, temos em vida ;
Porém na desabrida
Mágoa do mal atroz,
Celeste medicina
A nossa dôr acalma ;
Propicia aos olhos d'alma
A luz nos vem de Vós.

A luz da intelligencia,
Créscete pelo estudo,
Na claridade, em tudo
Que a outra vale mais.
A luz externa a tudo
Concede a Providencia ;
A luz da intelligencia
Só toca aos racionaes ;

E esta vos devemos.
O cego desvalido
Por Vós hoje instruido
Calcula, escreve e lê.
Se em trevas tropeçando
Só tem no mundo escolhos,
Aos céos levanta os olhos,
E vê o que a alma vê.

Monarcha no poder,
Monarcha na bondade,
Na dupla magestade
Com que sois rei, senhor,

Se tendes quem beijar-vos
A mão de rei deseje,
Mais tendes quem vos beije
A mão de bemfeitor.

E quanto as obras vossas
Por Deos são estimadas,
Na Esposa e Prole amadas.
Mais que patente está ;
Nas ditas, na ventura
Que tendes no seu gremio,
Dos bens que dais, em premio
Na terra, o céo vos dá.

Deste reinado a historia
De gloria e f'licidade,
Para adorar-vos hade
O mundo inteiro ler.
Hão de escrevê-la sabios
De meritos subidos,
Mas não de os desvalidos
A mór parte escrever.

Então, tambem louvando
Voss'alma bemfazeja,
Um cego que mais veja,
Dos muitos que aqui estão
(Talvez em prosa altiva,
Ou sublimado metro),
Dirá que o vosso sceptro
Dos cegos foi bordão.

MOTE

A MINHA MULHER

Lembranças de nosso amor

GLOSA

Da morte o sopro gelado,
Não me apagando a existencia,
No coração com vehemencia
Sinto seu passo apressado.
Ai! Quando, bem adorado,
Minha alma d'aqui se for,
Disfarça teu dissabor,
Resiste á força vehemente,
Mas nunca risques da mente
Lembranças do nosso amor.

Nada tenho que deixar-te
De fortuna nem de gloria,
Nada me aponta a memoria
Que possa morto legar-te ;
Se nada deve ficar-te
Mais que saudades e dôr,
Balsamo consolador
A' dolorosa ferida
Hão de ser-te n'esta vida
Lembranças do nosso amor.

Lembrar um bem adorado
Na dôr da saudade ausente,
E' mesmo tê-lo presente,
Inda que seja passado.
Ser por ti sempre lembrado,
Como em vida morto for,
Por influxo encantador
D'este mysterio profundo,
Hão de ser-te neste mundo
Lembranças do nosso amor.

ULTIMO CANTO DO CYSNE

Quando eu morrer, não chorem minhá morte,
Entreguem o meu corpo á sepultura ;
Pobre, sem pompas, sejam-lhe a mortalha
Os andrajos que deu-me a desventura.

Não mintão ao sepulchro apresentando
Um rico funeral d'aspecto nobre :
Como agora a zombar me dizem vivo,
Digão-me também morto— ahí vai um pobre!

De amigos hypocritas não quero
Publicas provas de affeição fingida ;
Deixem-me morto só, como deixarão-me
Lutar contra a má sorte toda a vida.

Outros prantos não quero, que não sejam
Esse pranto de fel amargurado
De minha companheira de infortunios,
Que me adora apesar de desgraçado.

O pranto, açucena de minh'alma,
Do coração sincero, d'alma sã,
De um anjo que também sente meus males,
De uma virgem que adoro como irmã.

Tenho um joven amigo, tambem quero
Que junte em minha Eça os prantos seus
Aos do um pobre ancião que perfilhou-me
Quando a filha entregou-me aos pés de Deus.

Dos meus todos eu sei que terei preces,
Saudades, lagrimas tambem ;
Que não tenho lembrança de offendê-los
E sei quanta amizade elles me tem.

E tranquillo, meu Deus, a vós me entrego,
Peccador de mil culpas carregado :
Mas os prantos dos meus perdão vos pedem,
E o muito que tambem tenho chorado.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).